



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade

Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004

Sérgio Carrara
Sílvia Ramos



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade
Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004

REALIZAÇÃO:

Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM)



GRUPO ARCO-ÍRIS
www.arco-iris.org.br



Centro de Estudos de
Segurança e Cidadania



centro
latino-americano
em sexualidade
e direitos humanos

COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA:

Sérgio Carrara (CLAM/IMS/UERJ; Pesquisador CNPq)

Sílvia Ramos (CESeC/UCAM)

Marcio Caetano (Arco-Íris; UFF)

COORDENAÇÃO DE CAMPO:

Paula Lacerda

ASSESSORIA ESPECIAL:

Adriana Vianna (CLAM/MN-UFRJ)

Anna Uziel (CLAM/IP-UERJ)

Marcelo Natividade (IFCS-UFRJ)

Laura Moutinho (CLAM/IMS-UERJ)

Josué Laguardia (ENSP/FIOCRUZ)

REVISÃO TÉCNICA:

Bianca Alfano (GAI)

Cláudio Nascimento (GAI)

Márcio Alonso (GAI)

Marcio Caetano (GAI)

ESTATÍSTICA RESPONSÁVEL:

Greice Maria S. da Conceição (CESeC/UCAM)



Política, Direitos, Violência e Homossexualidade Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004

Sérgio Carrara
Sílvia Ramos

Copyright © Centro Latino Americano
em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/UERJ

Projeto gráfico da capa e miolo
Anna Amendola

Revisão
Malu Resende

C313

Carrara, Sérgio.

Política, direitos, violência e homossexualidade.
Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004 / Sérgio
Carrara e Sílvia Ramos. – Rio de Janeiro : CEPESC, 2005.

120 p. – (Coleção Documentos, v.3)

ISBN 85-89737-04-7

1. Homossexualidade. 2. Direitos Humanos.
3. Violência. 4. Pesquisa. I. Ramos, Sílvia. II. Título.

CDU – 613.885

Catalogação – Sandra Infurna – CRB 7 – 4607

Apoio:



FORD FOUNDATION

Procurando conhecer melhor os participantes das Paradas do Orgulho GLBT¹ brasileiras, pesquisadores, militantes e voluntários vinculados ao Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Cândido Mendes e ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) do Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro conduziram em 2004 pesquisa de perfil quantitativo na Parada do Rio de Janeiro (Copacabana), cujos resultados são aqui apresentados e discutidos.

O Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual (GAI) é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1993, de utilidade pública municipal e estadual. A missão da organização é atuar para melhoria da qualidade vida e para a promoção dos direitos humanos de gays, lésbicas e transgêneros. Para tanto, desde sua fundação, atua em ações de conscientização, promoção da auto-estima, prevenção das DST/HIV/Aids, defesa e garantia de direitos. Em 1997, inicia sua atuação na assistência e atenção a pessoas vivendo com Aids, coordenando com o Grupo Pela Vida-Rio, o Projeto Rede Buddy Brasil, financiado pela Comissão da União Européia e ICCO (Organização Interesclesiástica de Cooperação ao Desenvolvimento-Holanda). Em doze anos de atividades, tem assessorado parlamentares das diferentes esferas do Poder Legislativo e também gestores na elaboração de políticas públicas e no seu controle social. Atuou como assessor técnico da Associação Brasileira de

¹ "GLBT" é a sigla utilizada para Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

Gays, Lésbicas e Transgêneros na articulação e criação do Programa Brasil Sem Homofobia do Governo Federal. No ano de 1995, realizou a primeira Parada do Orgulho GLBT no Brasil, servindo de inspiração para a organização de eventos de visibilidade massiva em diversas cidades brasileiras.

O CESeC realiza pesquisas aplicadas nas áreas de segurança pública, justiça e cidadania. Criado em abril de 2000, reunindo uma equipe de especialistas com experiência de trabalho acadêmico, de atuação em movimentos sociais e de formulação e execução de políticas públicas, tem como principal compromisso contribuir para a modernização e democratização do sistema brasileiro de justiça criminal, visando ao estabelecimento de uma cultura participativa de segurança pública no país.

Criado em 2002, o CLAM tem como finalidade principal produzir, organizar e difundir conhecimento sobre a sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, buscando contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero e para o fortalecimento da luta contra a discriminação das minorias sexuais na região. Através do diálogo entre a universidade, movimentos sociais e formuladores de políticas públicas na América Latina, o Centro articula pesquisadores, militantes e outros parceiros interessados em fomentarem o debate sobre a sexualidade e os direitos sexuais. Esta iniciativa integra o projeto de âmbito internacional Diálogo Global sobre Saúde e Bem-Estar Sexual, que está sendo implantado também na Ásia, África e EUA com o apoio da Fundação Ford.

A investigação desenvolvida em 2004 por esse conjunto de instituições dá continuidade ao trabalho iniciado em 2003 com os mesmos objetivos e métodos.² Além de revelar aspectos pouco conhecidos do perfil sociopolítico dos participantes das paradas brasileiras e, por extensão, da população homossexual que se concentra nas grandes cidades do país, nosso principal interesse é constituir uma série histórica relativa aos padrões de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais).

² Ver CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia & CAETANO, Marcio (orgs.). *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	_ 5
1. INTRODUÇÃO	_ 13
A PESQUISA NA PARADA DO ORGULHO GLBT- RIO 2004	_ 15
DESAFIOS E CUIDADOS METODOLÓGICOS	_ 17
2. ENTRE A POLÍTICA E A FESTA: MOTIVOS PARA PARTICIPAR DA PARADA	_ 21
3. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PARADA: ASPECTOS SOCIOLÓGICOS GERAIS	_ 25
4. DIFERENTES IDENTIDADES SEXUAIS, DIFERENTES PERFIS SOCIAIS	_ 33
PARADA DO ORGULHO GLBT: CRESCER A ADESAO HETEROSSEXUAL	_ 35
"HOMOSSEXUAL": CATEGORIA IDENTITÁRIA IMPOPULAR	_ 35
BISSEXUALIDADE: FENÔMENO JOVEM	_ 37
TRANSGÊNEROS: O(A)S MAIS EXCLUÍDO(A)S	_ 38
O CARÁTER EXCLUDENTE DAS RELIGIÕES CRISTÃS	_ 41

5. SEXUALIDADE, CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE	_43
CASAR, NAMORAR, FICAR...	_46
EM BUSCA D@ PARCEIR@ IDEAL	_48
DO IDEAL AO POSSÍVEL...	_54
SEXO MAIS SEGURO: PREVENÇÃO À AIDS	_62
6. PARTICIPAÇÃO, POLITIZAÇÃO E NOVOS DIREITOS	_67
7. DISCRIMINAÇÃO, VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO	_73
DISCRIMINAÇÃO E SUAS MODALIDADES	_75
DISCRIMINAÇÃO NO AMBIENTE FAMILIAR E DE AMIZADES: A VITIMIZAÇÃO FEMININA	_77
DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA	_80
AMBIENTE RELIGIOSO, COMÉRCIO E LAZER	_82
EMPREGO E SERVIÇOS DE SAÚDE	_83
VIOLÊNCIA E SUAS MODALIDADES	_84
AGRESSÕES FÍSICAS: HOMOSSEXUAIS MASCULINOS E TRANSGÊNEROS COMO VÍTIMAS PREFERENCIAIS	_85
AGRESSÕES VERBAIS: A DISSEMINAÇÃO CULTURAL DA HOMOFOBIA	_86
CHANTAGENS OU EXTORSÕES: OS CRIMES DE LUCRO	_88
VIOLÊNCIA SEXUAL: HOMOSSEXUALIDADE E MASCULINIDADE	_89
BOA NOITE CINDERELA	_90
LOCAIS DAS AGRESSÕES	_91
AUTORES DAS AGRESSÕES	_94
ABUNDANTES VIOLÊNCIAS, ESCASSAS DENÚNCIAS	_95
8. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS	_99

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Entrevistado(a)s por ano de realização da Parada, segundo sexo, identidade sexual agregada, cor, nível de instrução e faixa etária - Parada Rio 2004	_ 19
TABELA 2 - Entrevistado(a)s que já se assumiram segundo identidade sexual auto-atribuída (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_ 45

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Motivo de comparecimento - Parada Rio 2004	_ 22
GRÁFICO 2 - Motivo de comparecimento por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 23
GRÁFICO 3 - Participação em alguma Parada do Orgulho - Parada Rio 2004	_ 24
GRÁFICO 4 - Perfil do(a)s participantes - Parada Rio 2004	_ 26
GRÁFICO 5 - Tipo de atividade remunerada ou benefício - Parada Rio 2004	_ 28
GRÁFICO 6 - Religião em que foi criado(a) e a que frequenta (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_ 29
GRÁFICO 7 - Local de moradia - Parada Rio 2004	_ 31
GRÁFICO 8 - Identidade sexual auto-atribuída - Parada Rio 2004	_ 34
GRÁFICO 9 - Identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 34
GRÁFICO 10 - Identidade sexual auto-atribuída por agregada - Parada Rio 2004	_ 36
GRÁFICO 11 - Identidade sexual agregada por faixa etária - Parada Rio 2004	_ 38
GRÁFICO 12 - Nível de escolaridade por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 39
GRÁFICO 13 - Cor por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 40
GRÁFICO 14 - Para quem já se assumiu (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_ 44

GRÁFICO 15 - Situação amorosa - Parada Rio 2004	_46
GRÁFICO 16 - Local onde conheceu o(a) namorado(a) ou parceiro(a) - Parada Rio 2004	_47
GRÁFICO 17 - Local onde conheceu o(a) atual namorado(a) ou parceiro(a) por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_48
GRÁFICO 18 - Indiferentes quanto às características sociais e de atributo de gênero do(a)s parceiro(a)s (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_49
GRÁFICO 19 - Preferem o(a)s iguais quanto às características sociais e de atributos de gênero do(a)s parceiro(a)s (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_51
GRÁFICO 20 - Preferência em relação à faixa etária do(a)s parceiro(a)s por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_52
GRÁFICO 21 - Preferência por atributos de gênero segundo identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_53
GRÁFICO 22 - Situação amorosa por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_55
GRÁFICO 23 - Com quem reside atualmente por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_56
GRÁFICO 24 - Cor do entrevistado(a) em relação à cor do parceiro(a) - Parada Rio 2004	_57
GRÁFICO 25 - Tempo de relação - Parada Rio 2004	_58
GRÁFICO 26 - Existência de filho(a)s - Parada Rio 2004	_59
GRÁFICO 27 - Origem dos filho(a)s - Parada Rio 2004	_60
GRÁFICO 28 - Opinião dos que concordam que homossexuais tenham/criem filho(a)s - Parada Rio 2004	_61
GRÁFICO 29 - Uso de preservativo nas relações sexuais (amostra masculina) por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_62
GRÁFICO 30 - Uso de proteção/barreira nas relações com mulheres (amostra feminina) - Parada Rio 2004	_63
GRÁFICO 31 - Uso de proteção/preservativo nas relações com homens (amostra feminina) - Parada Rio 2004	_63

GRÁFICO 32 - Local de obtenção de preservativos por sexo - Parada Rio 2004	_ 65
GRÁFICO 33 - Participação política (respostas múltiplas) - Parada Rio 2004	_ 68
GRÁFICO 34 - Opinião sobre o Projeto de Parceria Civil - Parada Rio 2004	_ 70
GRÁFICO 35 - Opinião sobre o Projeto de Parceria Civil por faixa etária - Parada Rio 2004	_ 71
GRÁFICO 36 - Motivo de concordância com o Projeto de Parceria Civil - Parada Rio 2004	_ 72
GRÁFICO 37 - Incidência de discriminação e de agressão (pelo menos uma experiência) - Parada Rio 2004	_ 75
GRÁFICO 38 - Contexto ou local de discriminação (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004	_ 77
GRÁFICO 39 - Modalidade de discriminação por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 79
GRÁFICO 40 - Discriminação na escola/faculdade por faixa etária - Parada Rio 2004	_ 81
GRÁFICO 41 - Modalidades de agressão por ano de realização da Parada - Parada Rio 2004	_ 85
GRÁFICO 42 - Agressão física por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 86
GRÁFICO 43 - Agressão verbal/ameaça de agressão por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 87
GRÁFICO 44 - Chantagem ou extorsão por faixa etária - Parada Rio 2004	_ 88
GRÁFICO 45 - Violência sexual por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004	_ 90
GRÁFICO 46 - Boa noite Cinderela por faixa etária - Parada Rio 2004	_ 91
GRÁFICO 47 - Local da agressão - Parada Rio - 2004	_ 92
GRÁFICO 48 - Agressores (respostas múltiplas) - Parada Rio 2004	_ 94

GRÁFICO 49 - Relato da agressão - Parada Rio 2004 _96

GRÁFICO 50 - Para quem relatou a agressão
(respostas múltiplas) - Parada Rio 2004 _97

ANEXO 1 _101

ANEXO 2 _111

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, assistimos no Brasil à multiplicação de eventos comemorativos do Dia do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, tradicionalmente celebrado em diferentes países no dia 28 de junho. As paradas têm sido o ponto de máxima visibilidade dessas comemorações e vêm sendo incorporadas aos ciclos anuais das grandes festas e manifestações públicas nas principais cidades brasileiras. Em 2004, comemoraram-se os 25 anos de atuação do Movimento Homossexual Brasileiro, na Parada do Orgulho GLBT Rio. O fenômeno de manifestação massiva ocorreu ainda em 40 cidades, como Brasília, Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Blumenau e Manaus. Ao lado de milhares de manifestantes anônimos, às paradas têm comparecido artistas, políticos,³ representantes de organizações da sociedade civil e de agências governamentais que apóiam as reivindicações do movimento.

Além das tradicionais palavras de ordem em defesa da diversidade sexual e da luta contra o preconceito, várias paradas trouxeram para as ruas em 2004 o tema da família. Em Curitiba, a palavra de ordem foi “Família, Orgulho e Respeito”; no Rio de Janeiro, “União Civil Já!”; em Blumenau, “Homossexualidade, Um Assunto Familiar”; e finalmente, em São Paulo, “Temos Orgulho e Família”.

³ Dentre os políticos, têm se destacado a ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy e deputados federais e estaduais, como Fernando Gabeira, e Carlos Minc. Além da presença do Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores, José Genuíno.

Dentre as manifestações que concentraram um maior número de participantes, temos a de São Paulo, onde se estima que 1 milhão e 500 mil pessoas tenham comparecido às ruas em 2004. No Rio de Janeiro, continuando uma tradição iniciada em 1995, quando se organizou na cidade a primeira manifestação brasileira desse gênero, a Parada do Orgulho GLBT 2004 aconteceu no dia 27 de junho e reuniu, de acordo com a organização do evento, 600 mil participantes.

Sendo uma das mais extraordinárias manifestações de massa desse início de milênio no Brasil, as paradas têm se consolidado como eventos simultaneamente lúdicos e políticos. Tal caráter foi traduzido em números pela pesquisa por nós realizada em 2003, no Rio de Janeiro (Carrara; Ramos e Caetano, 2003), segundo a qual razões de ordem política motivaram o comparecimento de 48.1% dos entrevistados, seguidas por outras de natureza lúdica (“por curiosidade”, “para se divertir” ou “para paquerar”). Além de merecerem uma reflexão que as aborde enquanto fenômeno social e político, as paradas reúnem gays, lésbicas e transgêneros que, de outro modo, dificilmente poderiam ser alcançados por qualquer tipo de investigação sociológica, oferecendo oportunidade ímpar para o seu conhecimento. Dadas, sobretudo, as segmentações geracional, de classe e identitária que marcam essa população, ela não poderia ser abordada em sua extrema diversidade em qualquer outro espaço social (seja de lazer, de trabalho ou mesmo de ativismo político). E se isso ocorre, talvez seja pelo fato de as paradas se organizarem justamente em torno de uma espécie de denominador comum que agrega todo esse universo: a luta contra a discriminação e o preconceito que atingem as diferentes minorias sexuais. Apesar disso, sejam de cunho qualitativo ou quantitativo, as pesquisas sobre as paradas ou nas paradas são ainda em número extremamente reduzido no Brasil e nosso esforço tem sido no sentido de preencher esta lacuna.⁴

⁴ Há, entretanto, algumas exceções. Em 2002, o Ibope realizou, em dez capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Maceió, Fortaleza, Distrito Federal e Goiânia), ampla pesquisa, mediante amostra aleatória, sobre opiniões e comportamentos em relação à AIDS e DST entre “mulheres que fazem sexo com mulheres” e “homossexuais masculinos”. Embora não fosse uma pesquisa sobre os participantes das paradas de orgulho GLBT e estivesse mais centrada nas questões de saúde, a maior parte das entrevistas foi realizada no contexto das paradas. Para os resultados da pesquisa IBOPE, ver: www.aids.gov.br. Ainda em 2004, procurando medir a participação dos heterossexuais na manifestação, Junge entrevistou 176 indivíduos presentes na Parada Livre de Porto Alegre (JUNGE, Benjamin. “Heterossexuais em eventos públicos gays: a ‘Parada Livre’ em Porto Alegre, 2002”. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luiz Felipe e PARKER, Richard (orgs.). *Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro, Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/Uerj e ABIA, 2004).

A PESQUISA NA PARADA DO ORGULHO GLBT-RIO 2004

Participaram nas diferentes etapas preliminares da pesquisa (elaboração do questionário, treinamento de entrevistadores, realização de pré-testes etc.) pesquisadores e voluntários vinculados ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (IMS/UERJ), ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (UCAM) e ao Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual. Para a aplicação do questionário foram selecionados 51 universitários, organizados em 6 grupos, sob a coordenação de supervisores de campo.⁵ Cada entrevistador realizou em torno de 12 entrevistas, com duração média de 15 minutos. Preencheram-se 629 questionários válidos, cujos resultados foram analisados por um grupo menor de pesquisadores, acompanhados por uma estatística.⁶ Compilaram-se os resultados em um banco de dados, tabulados com o auxílio do aplicativo SPSS, e os gráficos foram elaborados utilizando-se o Excel.

O questionário (**ver Anexo 1**) teve como objetivo coletar o máximo de informação no mais curto espaço de tempo, uma vez que as entrevistas aconteceram no local da Parada (que percorre a praia de Copacabana desde o Leme até o Posto 6), durante o período de aproximadamente 3 horas, que se estendem do início da concentração, quando chegam os primeiros participantes, ao início do deslocamento propriamente dito quando, já organizados em alas ou em torno de diferentes carros de som, eles começam a caminhar.

Com 36 questões (das quais apenas 3 eram abertas), o questionário foi dividido em 4 blocos temáticos, precedidos por 4 questões introdutórias relativas às razões para o comparecimento ao evento e à identidade sócio-sexual do entrevistado. Como em 2003, o questionário manteve como foco principal os temas da violência, da discriminação e dos direitos. Sobre isso, 9 questões foram propostas, explorando a experiência de participação em diferentes tipos de movimentos sociais, o conhecimento e as opiniões sobre os direitos já conquistados por gays, lésbicas e transgêneros e os

⁵ Para realizar a pesquisa no Rio de Janeiro, partimos de um conjunto de 190 estudantes interessados, sendo 70 os selecionados para o treinamento. Os 51 que finalmente realizaram a pesquisa eram em sua maioria mulheres, estudantes de serviço social, ciências sociais e psicologia nas seguintes universidades: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Faculdade de Serviço Social Santa Luzia.

⁶ Para a composição da equipe em suas diferentes fases, ver **Anexo 2**.

padrões de vitimização e violência. Em 2003, ao avaliarmos o conhecimento sobre leis ou projetos de leis que beneficiavam os homossexuais no Brasil, o “Projeto da Marta Suplicy”⁷ foi o mais lembrado e, por isso, uma questão foi especialmente dedicada a ele em 2004.

Os dados obtidos em 2003 também apontaram para o fato de a grande maioria dos entrevistados (83.3%) ter votado em Luiz Inácio Lula da Silva para presidente nas últimas eleições, além de a metade (51.3%) ter se declarado simpatizante do Partido dos Trabalhadores. Assim, resolvemos investigar em 2004 o grau de satisfação quanto às políticas adotadas pelo governo federal em defesa dos direitos de gays, lésbicas e transgêneros. Apoiados igualmente nas respostas obtidas em 2003 através de uma questão aberta que buscava identificar as modalidades mais comuns de discriminação experimentadas pelos respondentes, oferecemos sobre o tema, em 2004, uma questão fechada, com alternativas que comportavam as situações específicas de discriminação mais comumente relatadas na pesquisa anterior.

Em consonância com o próprio tema que animou várias paradas brasileiras, o questionário incorporou, em sua versão de 2004, uma série de novas questões sobre aspectos relativos à conjugalidade, à sexualidade e à parentalidade de gays, lésbicas e transgêneros. Com 7 questões, o bloco dedicado ao tema abordou os relacionamentos afetivos e familiares, inquirindo sobre a existência de filhos, a opinião sobre homossexuais terem ou criarem filhos, o tipo de relação afetiva ou conjugal em que o respondente estava engajado e suas preferências na escolha de parceiro(s) para relações amorosas. Sobre sexualidade e saúde, foram propostas 5 questões e a atenção dirigiu-se especialmente para o uso de preservativos e/ou barreiras nas relações sexuais e seu modo de obtenção.

Finalmente, dedicado à construção do perfil social dos participantes da Parada (“heterossexuais” inclusive), o último bloco de questões sofreu algumas alterações importantes. De um lado, dada a inconsistência das respostas obtidas em 2003 sobre renda, excluímos esta questão. De outro, devido ao crescente impacto político dos discursos religiosos sobre a homossexualidade no Brasil, incluímos duas questões relativas à experiência religiosa.

⁷ Embora o projeto que atualmente aguarda votação pelo Legislativo brasileiro seja o substitutivo apresentado em 1996 pelo Deputado Roberto Jefferson ao projeto apresentado pela Deputada Marta Suplicy (PL 1151/95), referimo-nos a ele como “Projeto da Marta Suplicy”; pois é como ficou mais comumente conhecido.

DESAFIOS E CUIDADOS METODOLÓGICOS

Para compor a amostra, não foi estipulado qualquer tipo de cota, mas para potencializar a representatividade dos dados, os entrevistadores continuaram a ser orientados no sentido (i) de diversificarem ao máximo as pessoas entrevistadas, segundo clivagens de raça, sexo e identidade sócio-sexual (procurando abordar tanto mulheres quanto homens; negros e brancos; travestis e lésbicas etc.); (ii) de permanecerem dispostos em diferentes locais ao longo da concentração (desde o início do Leme até a altura do Hotel Copacabana Palace), procurando assim abordar grupos variados; e finalmente, (iii) de espaçarem as entrevistas ao longo do tempo de duração da concentração para não correrem o risco de entrevistar apenas os primeiros a chegarem para a manifestação.⁸

Como em 2003, para facilitar as tabulações e impedir a interpretação equivocada dos dados, continuamos a adotar dois procedimentos quanto à identidade sócio-sexual dos entrevistados. Em primeiro lugar, em vista do pequeno número de respondentes em nossa amostra ter se declarado(a) "transexual" e "travesti", agregamos os dois grupos na categoria mais ampla de *transgênero*. Além disso, combinamos a variável sexo, que comportava apenas as opções "masculino" ou "feminino" e a variável identidade sexual auto-atribuída, que comportava 8 opções ("gay", "lésbica", "travesti", "transexual", "bissexual", "entendido(a)", "homossexual" e "heterossexual") para gerar o que chamamos de **identidade sexual agregada**, com apenas 5 categorias mais inclusivas: *mulheres homossexuais*, *homens homossexuais*, *heterossexuais*,⁹ *transgêneros e bissexuais*.¹⁰ Nas páginas que se seguem, as identi-

⁸ Realizado no dia 19 de junho, na sede do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM), o treinamento dos entrevistadores foi mais sistemático e longo do que no ano anterior, estendendo-se por um dia inteiro (8 horas). Além da apresentação do questionário, houve discussão sobre homossexualidade e violência, com a leitura de textos básicos, apresentação de vídeos e dos resultados da pesquisa por nós realizada em 2003. Agradecemos ao CEDIM a cessão de suas dependências para a realização dessa atividade.

⁹ O público da Parada não é composto apenas de homens e mulheres que mantêm algum tipo de identidade homossexual ("gays", "lésbicas", "travestis", "transgêneros", "entendido(a)s" etc.). Há um certo número de "heterossexuais" presentes e eles não foram excluídos da pesquisa, respondendo seletivamente ao questionário. Além de sua identidade/orientação sexual e o motivo do comparecimento à manifestação, foram também convidados a fornecer dados referentes ao seu perfil socioeconômico.

¹⁰ Assim, por exemplo, um homem e uma mulher que se auto-identificaram como "entendido/entendida" foram classificados, quanto à sua identidade sexual agregada, como homem homossexual e mulher homossexual, respectivamente. Uma seção específica desse relatório irá discutir mais detalhadamente certos aspectos relativos às identidades sexuais auto-atribuídas (ver abaixo, Capítulo 4).

dades sexuais auto-atribuídas irão sempre aparecer entre aspas, para diferenciá-las das identidades sexuais agregadas.¹¹

Finalmente, dadas as dificuldades e os desafios para a realização de pesquisas quantitativas em grandes manifestações de massa (às quais deve ser ainda acrescentado o caráter festivo e ruidoso que tem caracterizado as paradas do orgulho GLBT brasileiras), ressaltamos que, mesmo com os cuidados metodológicos acima mencionados, nossos dados não advêm de uma amostra probabilística e devem, portanto, ser tratados com cautela quanto a possíveis generalizações, seja para a população que participa da manifestação, seja para a população fluminense ou brasileira de homossexuais, transgêneros e bissexuais. Mesmo assim, não podemos deixar de enfatizar que a comparação entre o perfil geral dos dados obtidos em 2003 e 2004 revela a notável consistência de nossa amostra, atestando a eficácia dos cuidados metodológicos adotados. Assim, como revelam os dados relativos ao sexo e à identidade sexual agregada dos respondentes entrevistados nos dois anos, é grande a coincidência entre as duas amostras. De modo geral, a mesma coincidência ocorre quando se consideram variáveis como raça, idade ou nível de escolaridade. (TABELA 1)

¹¹ Vale ressaltar que as categorias mais inclusivas relativas às diferentes orientações sexuais de homens e mulheres foram amplamente discutidas no I Congresso da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros), realizado em janeiro de 2005, na cidade de Curitiba. Acordou-se então que as organizações afiliadas à ABGLT, entre elas o Grupo Arco-Iris, passariam a utilizar as categorias "gays", "lésbicas", "bissexuais" e "transgêneros" em substituição à categoria "homossexual" em todos os documentos oficiais. Como este relatório foi concluído antes do Congresso, não adotamos aqui esta orientação. Ressaltamos que as implicações metodológicas da adoção desta resolução nos próximos relatórios estão ainda em fase de discussão.

TABELA 1 Entrevistado(a)s por ano de realização da Parada, segundo sexo, identidade sexual agregada, cor, nível de instrução e faixa etária - PARADA RIO 2004

	2003		2004	
	Nº	%	Nº	%
SEXO (1)	457	100	629	100
Feminino	162	35,4	247	39,3
Masculino	295	64,6	382	60,7
IDENTIDADE SEXUAL AGREGADA	468	100	629	100
Mulher homossexual	106	22,6	127	20,2
Homem homossexual	219	46,8	265	42,1
Heterossexual	52	11,1	115	18,3
Bissexual	45	9,6	74	11,8
Trans	26	5,6	34	5,4
Nenhuma/Outra/NS/NR	20	4,3	14	2,2
COR OU RAÇA (IBGE) (2)	468	100	617	100
Branca	256	54,7	310	50,2
Parda	139	29,7	198	32,1
Preta	45	9,6	67	10,9
Indígena	7	1,5	17	2,8
Amarela	7	1,5	13	2,1
NS/NR	14	3,0	12	1,9
NÍVEL DE INSTRUÇÃO (3)	458	100	627	100
Sem instrução	-	-	2	0,3
Ensino fundamental	43	9,4	56	8,9
Ensino médio incompleto	53	11,6	56	8,9
Ensino médio completo	168	36,7	194	30,9
Superior incompleto	85	18,6	167	26,6
Superior completo	109	23,8	113	18,0
Mestrado/doutorado	-	-	38	6,1
NS/NR	-	-	1	0,2
FAIXA ETÁRIA	468	100	629	100
14 a 18 anos	47	10,0	57	9,1
19 a 21 anos	75	16,0	100	15,9
22 a 29 anos	172	36,8	211	33,5
30 a 39 anos	120	25,6	139	22,1
40 anos e mais	54	11,5	122	19,4

Fonte: GAI/CESeC/CLAM.

Notas: (1) 11 informações perdidas em 2003, (2) 12 informações perdidas em 2004,

(3) 10 informações perdidas em 2003 e 2 em 2004.

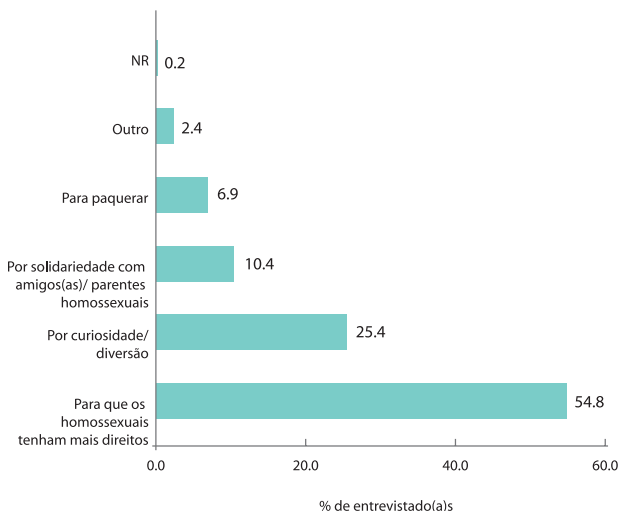
Sinal utilizado: - ausência de dado numérico não resultante de arredondamento.

2. ENTRE A POLÍTICA E A FESTA: MOTIVOS PARA PARTICIPAR DA PARADA

Como já revelavam os dados de 2003, entre as razões para estar na Parada (os entrevistados foram solicitados a apontar apenas a mais importante) predominaram, também em 2004, motivos de ordem política (“para que os homossexuais tenham mais direitos no Brasil”), alegados em 54.8% das respostas. Além disso, 10.4% de todos os entrevistados declararam que participavam do evento para manifestarem “solidariedade com amigos/parentes homossexuais”. Porém, se o significado eminentemente político da Parada predomina, a diversão e o prazer continuam presentes, sendo que razões de natureza lúdica (“por curiosidade/diversão ou para paquerar”) motivaram 25.4% dos manifestantes.¹² (GRÁFICO 1)

¹² Note-se que esse número é bastante inferior ao daqueles que em 2003 disseram estar presentes no evento por estas razões (38.5%), porém apenas pesquisas futuras podem esclarecer se assistimos a um processo de crescente politização da manifestação.

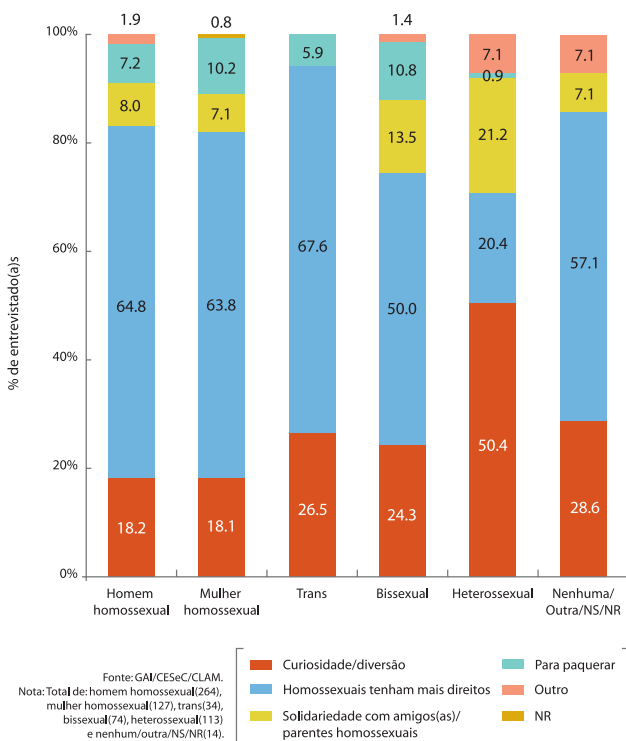
GRÁFICO 1 | Motivo de comparecimento - Parada Rio 2004



Fonte: GAU/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 626 entrevistado(a)s.

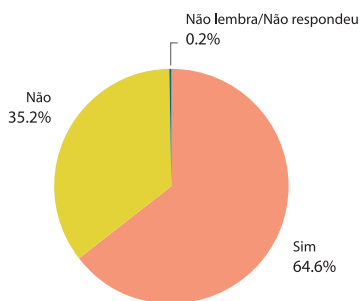
Comparando-se os resultados de 2004 aos de 2003, notam-se razões de ordem política que continuaram a predominar mais fortemente entre os(as) transgêneros (67.6%), homens homossexuais (64.8%) e mulheres homossexuais (63.8%), embora a diversão e a paquera não estivessem ausentes de sua perspectiva, principalmente entre os de menos de 21 anos. Os(as) bissexuais mostraram-se um pouco menos interessados na dimensão política da Parada, quando comparados aos homossexuais e aos(as) transgêneros e um pouco mais interessados em sua dimensão lúdica. Entre eles, 50% justificaram sua presença por razões de ordem política e 35.1%, por razões de ordem lúdica (curiosidade/diversão/paquera). A curiosidade e a diversão predominaram entre as razões da presença do(a)s heterossexuais (50.4%), embora não devamos desprezar o fato de um número significativo deles estar na manifestação “para que os homossexuais tenham mais direitos” (20.4%) ou para prestar solidariedade a amigos e/ou parentes homossexuais (21.2%). (GRÁFICO 2)

GRÁFICO 2 | Motivo de comparecimento por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



De modo geral, os participantes da Parada continuam a apresentar um perfil bastante “politizado”. Isso se revela tanto no fato de a grande maioria (64.6%) dos respondentes já ter participado de outros eventos dessa natureza, quanto no fato de 62% entre eles já terem participado ou estarem participando de algum tipo de movimento social (estudantil ou homossexual) ou organização política (partido político, associação de moradores e outros). (GRÁFICO 3)

GRÁFICO 3 | Participação em alguma Parada do Orgulho - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 628 entrevistado(s).

Essa “politização” varia, entretanto, segundo as diferentes identidades sócio-sexuais. Nesse sentido, se o(a)s “entendido(a)s” foram os participantes da Parada menos motivados politicamente, eles foram também os que declararam, mais do que qualquer outro grupo, nunca ter participado de outro tipo de movimento social (50%). Ainda no plano das identidades sexuais auto-atribuídas, excetuando-se os “heterossexuais”, notamos que as razões de ordem política para comparecer à parada predominaram, sobretudo, entre as mulheres que se auto-identificaram como “lésbicas” (71.3%) e foram menos mencionadas pelo(a)s que se disseram “entendido(a)s” (38.9%). Do mesmo modo, enquanto apenas 12.6% das “lésbicas” afirmaram estar presentes para se divertirem ou por curiosidade, entre o(a)s “entendido(a)s” esse número corresponde a 30.6%.

3. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PARADA: ASPECTOS SOCIOLÓGICOS GERAIS

De acordo com a estimativa do Grupo Arco-Íris, que organizou a Parada de Orgulho GLBT - Rio 2004, 600 mil pessoas teriam participado do evento, ou seja, cerca de 300 mil a mais do que no ano anterior. Segundo os dados de nossa amostra (629 entrevistados), embora se note certo aumento da participação feminina, os homens, independentemente da identidade sócio-sexual que atribuem a si próprios, continuam a representar a maioria (60.7%) dos participantes. (GRÁFICO 4)

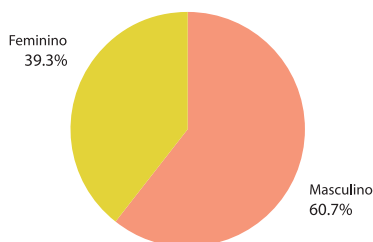
A manifestação continua marcada pela presença de jovens e adultos jovens. Em 2004, a maior parte dos manifestantes (58.5%) tinha idade igual ou inferior a 29 anos, sendo um quinto composto de menores de 21 anos. Nas faixas etárias mais altas, continua significativo o número de entrevistados com idades variando entre 30 e 39 anos (22%), sendo que o número dos que revelaram idade igual ou superior a 40 anos subiu de 11.5%, em 2003, para 19.4%, em 2004. (GRÁFICO 4)

Metade dos entrevistados declarou-se como "branco" (50.2%), segundo as categorias utilizadas pelo IBGE. Em relação aos resultados de 2003, houve um ligeiro aumento em nossa amostra de pessoas que se disseram "pardos" (de 29.7% para 32.1%) e "pretos" (de 9.6% para 10.9%). Os dados relativos à raça ou cor dos manifestantes reproduzem assim claramente a composição racial da cidade do Rio de Janeiro, cuja população entre 15 e 65 anos, segundo os dados do último censo, era formada por 58.6% de "brancos", 30.8% de "pardos" e 10.1% de "pretos". (GRÁFICO 4)

O nível de escolaridade dos participantes permanece alto, quando comparado aos dados sobre escolaridade disponíveis para a Região Sudeste.¹³ Em nossa amostra, 81.6% dos respondentes têm 11 anos ou mais de estudo (50.7% possuindo ensino superior incompleto ou completo e 30.9% com ensino médio completo). Dois terços dos que declararam ter ensino médio incompleto ou superior incompleto continuavam regularmente matriculados em estabelecimentos de ensino médio ou superior, ou seja, não haviam interrompido suas trajetórias escolares, apenas não as tinham concluído no momento da entrevista. Apenas um quarto dos que declararam ter ensino médio completo não estava vinculado a algum curso superior. (GRÁFICO 4)

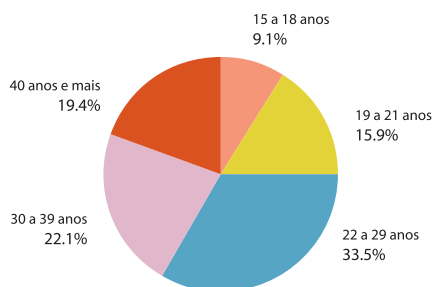
GRÁFICO 4 | Perfil do(a)s participante(s) - Parada Rio 2004

Sexo



Fonte: GA/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 629 entrevistado(a)s.

Faixa etária

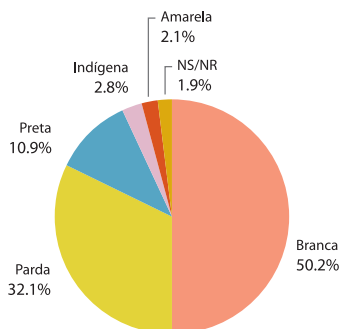


Fonte: GA/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 629 entrevistado(a)s.

¹³ Segundo os dados da PNAD/2002, apenas 28% da população da Região Sudeste teria 11 anos ou mais de instrução.

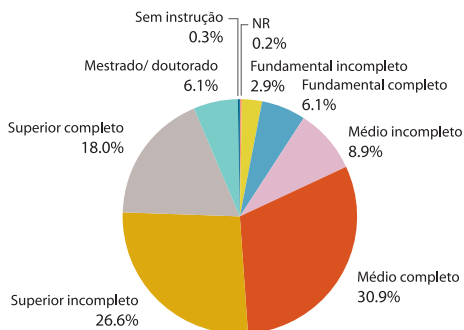
GRÁFICO 4 | Continuação

Cor



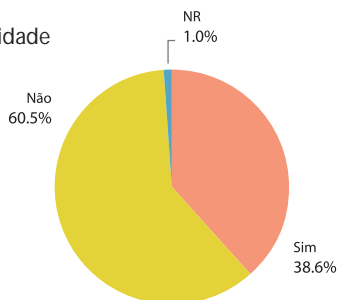
Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 617 entrevistado(a)s.

Nível de instrução



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 627 entrevistado(a)s.

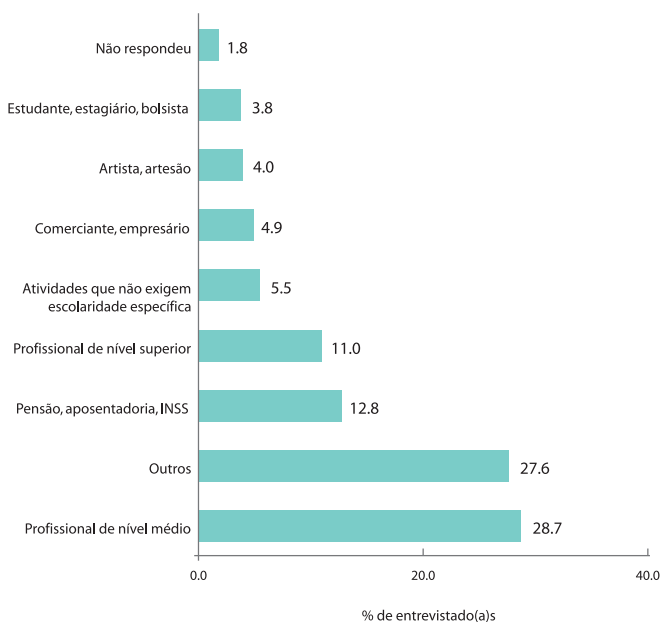
Freqüente escola/universidade



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 625 entrevistado(a)s.

Em nossa amostra, 71% dos entrevistados declararam estar exercendo alguma atividade remunerada ou recebendo algum tipo de benefício. O número significativo dos que não tinham qualquer fonte de renda (28%) deve ser relativizado em face do perfil etário da amostra, composta, como já dissemos, por um grande número de jovens, sendo 25% menores de 21 anos. Entre eles, metade não desempenhava qualquer atividade remunerada. Vale destacar que apenas 5.5% estariam exercendo atividades que não exigem qualificação específica, sendo que pelo menos 28.7% eram profissionais de nível médio e 11% de nível superior. (GRÁFICO 5)

GRÁFICO 5 | Tipo de atividade remunerada ou benefício - Parada Rio 2004

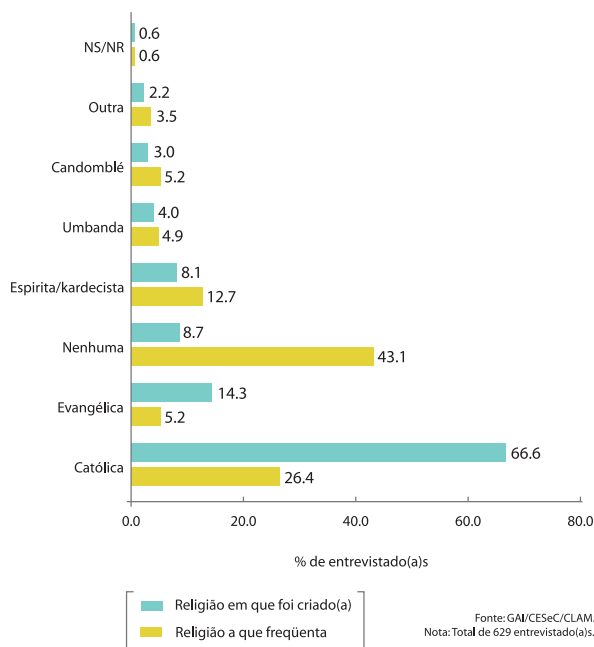


Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 453 entrevistado(a)s.

Em relação ao perfil religioso, registramos que a maioria dos entrevistados (66.6%) declarou ter sido criada na religião católica. A formação religiosa de 14.3% teria sido evangélica; de 8%, o espiritismo kardecista e de 7%, a umbanda ou o candomblé. Os que declararam ter sido criados sem qualquer religião correspondem a 8.7% do total da amostra e, consistente com

os dados existentes para o país, concentram-se entre os mais jovens. Em relação à afiliação religiosa que os entrevistados mantinham no momento da entrevista, os dados indicam que, enquanto o número de católicos decresce para 26.4% e o de evangélicos, para 5.2%, o número de espíritas e dos que freqüentam umbanda ou candomblé tende a aumentar, chegando a 12.7%, no primeiro caso, e a 10.2%, no segundo. A mudança mais drástica diz respeito aos que se declararam sem religião, cujo número quintuplica quando comparado ao daqueles que disseram não ter tido formação religiosa, chegando a 43% do total de entrevistados. (GRÁFICO 6)

GRÁFICO 6 | Religião em que foi criado(a) e a que freqüenta (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004



Se o perfil religioso que encontramos entre os manifestantes da Parada difere marcadamente daquele que caracteriza a população brasileira como um todo,¹⁴ ele se aproxima bastante do encontrado entre os jovens de 18 a 24 anos ouvidos pela pesquisa GRAVAD em três capitais brasileiras (Porto

Alegre, Rio de Janeiro e Salvador).¹⁵ Tal pesquisa oferece também dados importantes para análise comparativa sobre trânsito religioso. Quando se compara a religião em que os respondentes do Rio de Janeiro foram criados e aquela que eles freqüentavam no momento da entrevista, os resultados da Pesquisa GRAVAD mostram que, assim como acontece entre os participantes da Parada, o número de católicos cai (de 68.3% para 37.5%), o número de espíritas e de adeptos de religiões afro-brasileiras sobe (de 2.4% para 4.3%, no primeiro caso; de 2.8% para 3.4% no segundo) e, finalmente, o número dos sem religião sobe (de 8.5% para 37.9%). Porém, diferentemente dos nossos entrevistados, o número de evangélicos (protestantes e pentecostais), na amostra GRAVAD, aumenta de 13.9% para 16.9%. Além disso, ressaltamos que em nossa amostra a queda do número de católicos é mais acentuada, chegando a 28.1%, e que o aumento do número dos que declararam não praticar qualquer religião é mais amplo, chegando a 43%.

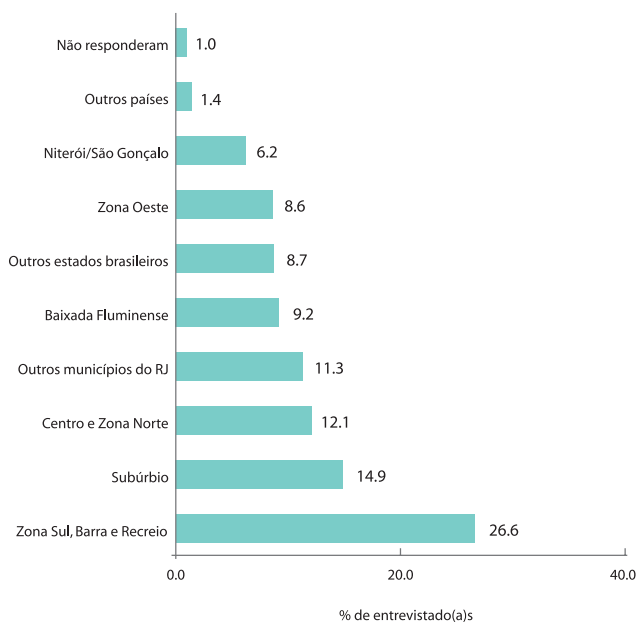
Destacamos finalmente que, em 2004, a Parada congregou população bastante representativa das diferentes regiões da cidade e do estado do Rio de Janeiro.¹⁶ Quanto ao local de moradia dos manifestantes, pode-se dizer que são em sua maioria (62.1%) moradores da cidade do Rio de Janeiro, sendo 26.6% da Zona Sul, Barra e Recreio; 23.5% de outros bairros da Zona Oeste e do Subúrbio, e 12.1%, da Zona Norte e do Centro. A Parada continua também a atrair certo número de manifestantes “de fora”: Comparando-se os dados de 2003 e 2004, constata-se que, embora o número de participantes oriundos de outras regiões do estado (excluindo-se a Região Metropolitana) tenha caído de 27.6% para 11.3%, o de outros estados brasileiros e de outros países apresentou ligeiro aumento (subindo de 5.3% para 8.7%, no primeiro caso; e de 0.2% para 1.4%, no segundo). (GRÁFICO 7)

¹⁴ No país, segundo o Censo 2000, estima-se que 73.9% pertençam ao catolicismo, 15.6%, a religiões evangélicas; 1.4% são espíritas-kardécistas, 0.3% praticantes de religiões afro-brasileiras e 7.4% não freqüentam qualquer tipo de culto religioso (JACOB, C. R. et. al., *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio/Loyola/CNBB, 2003).

¹⁵ De natureza quantitativa, a pesquisa “Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil” (GRAVAD) foi realizada por três centros de pesquisa: Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde do IMS/UERJ, Programa de Estudos em Gênero e Saúde do ISC/UFBA e Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS. O grupo de pesquisadores foi formado por Maria Luiza Heilborn (coordenadora), Estela Aquino, Daniela Knauth, Michel Bozon, Ceres G. Victora, Fabiola Rohden, Cecília McCalum, Tania Salem e Elaine Reis Brandão, com consultoria estatística de Antonio José Ribeiro Dias (IBGE). Foram ouvidos 4.634 jovens nessas três capitais entre 2001/2002.

¹⁶ São 77.5%, se consideramos toda a Região Metropolitana.

GRÁFICO 7 | Local de moradia - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 629 entrevistado(a)s.

Grosso modo, os aspectos gerais do perfil social dos participantes da Parada permanecem muito próximos daqueles apontados em 2003. **Trata-se, sobretudo, de jovens ou adultos jovens majoritariamente do sexo masculino, exercendo alguma atividade remunerada e provenientes de camadas médias urbanas. No geral, são indivíduos altamente escolarizados e marcadamente secularizados. São preferencialmente moradores da cidade do Rio de Janeiro ou de sua Região Metropolitana e sua cor/raça auto-atribuída, segundo as categorias do IBGE, reflete a composição da população da cidade, onde predominam “brancos” e “pardos”.** Esse perfil continua, entretanto, a sofrer importantes variações quando consideramos separadamente, como veremos a seguir, as identidades sócio-sexuais dos participantes.

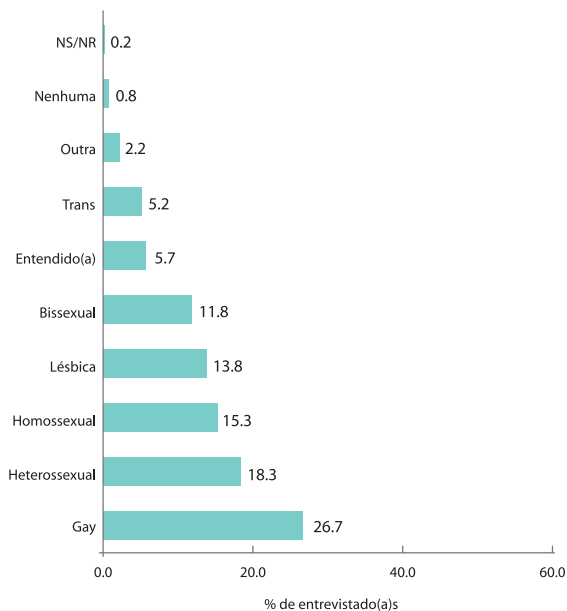
4. DIFERENTES IDENTIDADES SEXUAIS, DIFERENTES PERFIS SOCIAIS

A maioria dos entrevistados (67.6%) declarou manter algum tipo de identidade homossexual, dizendo identificar-se preferencialmente com uma das categorias oferecidas pelos entrevistadores (“gay”, “lésbica”, “entendido(a)”, “travesti”, “transexual” etc.). Tomando como referência as identidades sexuais agregadas, temos que, em nossa amostra, 42.1% dos entrevistados eram homens homossexuais; 20.2% eram mulheres homossexuais e 5.4% foram classificados como transgêneros (“travestis” ou “transexuais”). Além deles, 11.8% da amostra compõe-se de bissexuais e 18.3% de heterossexuais.¹⁷ Entre os bissexuais, há maior número de mulheres (58%) do que homens (42%). As mulheres também continuam sendo maioria entre os heterossexuais (59%).¹⁸ (GRÁFICO 8 E 9)

¹⁷ Do conjunto de 629 entrevistados, apenas 14 referiram-se a outras categorias identitárias, como “bicha”, “mulher que gosta de mulher”, “sapatão”, “assexuada”, “liberal” etc.

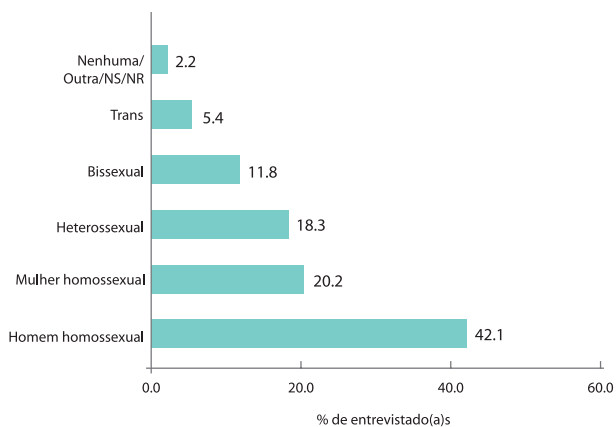
¹⁸ Caso consideremos o conjunto de todos os homens entrevistados, apenas 12.3% declararam-se “heterossexuais”, subindo esta cifra para 27.5%, quando se considera o conjunto de todas as mulheres.

GRÁFICO 8 | Identidade sexual auto-atribuída - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 629 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 9 | Identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 629 entrevistado(a)s.

PARADA ORGULHO GLBT: CRESCE A ADESÃO HETEROSSEXUAL

Em relação aos dados coletados em 2003, nota-se um ligeiro decréscimo na porcentagem de homens e mulheres homossexuais que compõem a amostra e um ligeiro aumento na porcentagem de bissexuais. Porém, foi a presença de heterossexuais que sofreu a variação mais significativa, crescendo de 11.1% em 2003 para 18.3% em 2004. Esse aumento proporcional de heterossexuais na amostra deve ser considerado com cautela, pois tanto pode ter sido resultado de certos vieses na composição da amostra, quanto pode apontar para o fato de que a Parada do Orgulho GLBT tende a crescer com a rapidez com que tem crescido (dos estimados 300 mil participantes no ano passado para os estimados 600 mil neste ano) principalmente em função da atração de heterossexuais simpatizantes com a causa homossexual, ou simplesmente curiosos.

“HOMOSSEXUAL”: CATEGORIA IDENTITÁRIA IMPOPULAR

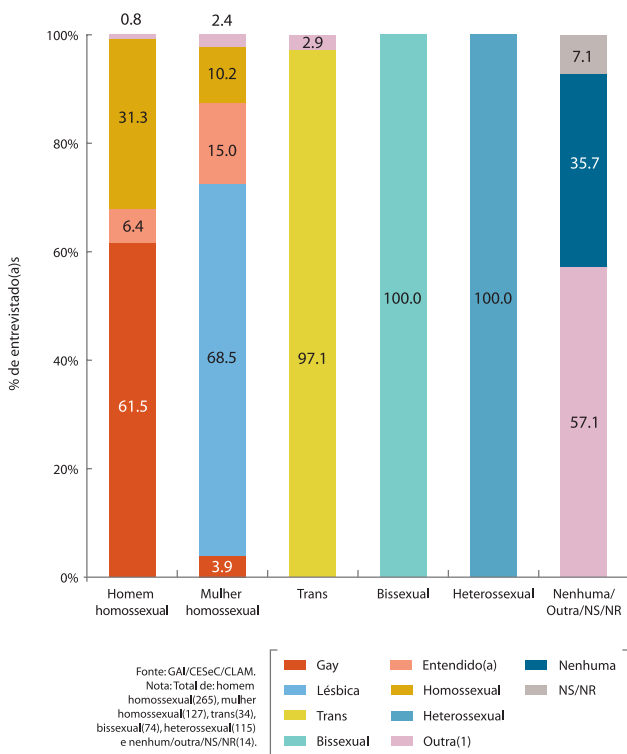
Os homens homossexuais identificaram-se preferencialmente como “gays” (61.5%) – 6% a mais do que no ano anterior – ou “homossexuais” (31.3%), poucos se identificando como “entendidos” (6.4%). Nesse aspecto, quando comparamos os dados coletados em 2003 e 2004, a grande mudança diz respeito a um muito menor número dos que se dizem “entendidos”. Eles correspondiam a 16% da amostra de 2003 e agora equivalem a apenas 6.4%.¹⁹ (GRÁFICO 10)

Historicamente, a emergência da categoria identitária “entendido” articula-se a contextos de marcada discriminação e estigmatização da homossexualidade, nos quais são necessários códigos secretos, compartilhados apenas pelos que fazem parte de determinada rede de relações sociais. Nesse sentido, em que pese a sua permanência entre mulheres homossexuais (ver discussão abaixo), talvez a menor incidência da categoria “entendido” entre os homens deva-se à crescente visibilidade da homossexualidade (sobretudo masculina) e à progressiva afirmação da igualdade de

¹⁹ Conforme já ressaltamos em relação aos resultados de 2003, a pesquisa IBOPE/2002 (ver nota 4 acima) revelou dados discrepantes, o que seguramente aponta para importantes variações regionais quanto às identidades sócio-sexuais auto-atribuídas por mulheres e homens homossexuais. Em relação aos homens, na amostra do IBOPE, 37% dos entrevistados declararam-se “homossexuais”, 33% “gays”, 14% “entendidos”.

direitos. De todo modo, apenas pesquisas futuras poderão esclarecer se a identidade de “entendido” está em processo de desaparecimento em face de outras formas de identificação.

GRÁFICO 10 | Identidade sexual auto-atribuída por agregada - Parada Rio 2004



As mulheres homossexuais presentes em nossa amostra continuam a apresentar uma maior variação em relação à identidade sócio-sexual que atribuem a si mesmas. A maioria delas se declarou “lésbica” (68.5%), mas muitas continuaram a se identificar através de categorias identitárias que compartilham com os homens: “entendidas” (15%), “homossexuais” (10.2%) e “gays” (3.9%). Em relação aos resultados de 2003, é importante notar que, enquanto o número das que se auto-identificaram como “lésbicas” aumentou em 5%, e o número das que se vêem como “entendidas” se manteve

estável, o número das que se apresentaram como “homossexuais” e “gays” tendeu a diminuir (algo em torno de 4% nos dois casos). É assim possível que estejamos diante de uma tendência mais duradoura no sentido da maior difusão e legitimidade da identidade “lésbica”.²⁰

De um modo geral, vale destacar novamente o quão pouco a categoria “homossexual”, elaborada pelos médicos ao longo do século XIX a partir de uma perspectiva claramente patologizante, traduz a identidade sócio-sexual assumida pelos entrevistados. Entre as mulheres, ela continua menos freqüente que a categoria “entendida” e muito menos freqüente do que a categoria “lésbica”; entre os homens, corresponde à metade da freqüência da categoria “gay”.

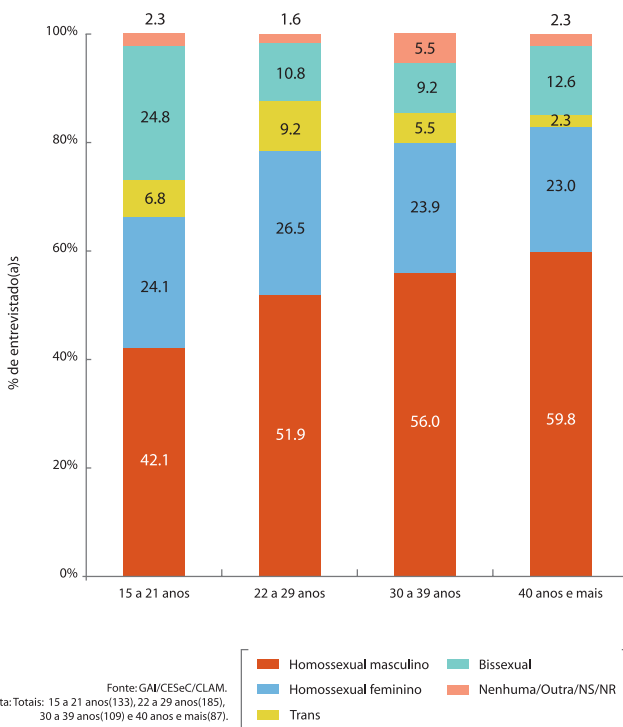
BISSEXUALIDADE: FENÔMENO JOVEM

Considerando-se a incidência das diferentes identidades sexuais agregadas segundo as faixas etárias, podemos dizer que é bastante equilibrada em todas elas a distribuição de homens e mulheres homossexuais. Continuamos, porém, a observar variação significativa quanto à bissexualidade. Homens e mulheres que se declararam “bissexuais” continuam a se concentrar entre os mais jovens. Entre os indivíduos com até 21 anos, 24.8% designaram-se “bissexuais”, enquanto apenas 12.6% dos que tinham 40 anos e mais fizeram o mesmo. Não podemos assegurar se essa concentração de “bissexuais” entre os mais jovens é efeito de processos relacionados ao ciclo de vida, já que nessa faixa etária as identidades poderiam não estar ainda claramente estabelecidas, ou se estamos vendo firmarem-se nestas gerações novas formas de identidades sexuais.²¹ (GRÁFICO 11)

²⁰ Entre as 1.000 mulheres entrevistadas pelo IBOPE em 2002, em diferentes capitais brasileiras, apenas 34% declararam-se “lésbicas” e o número das que se nomearam “entendidas” correspondia a 31%.

²¹ Em pesquisas quantitativas realizadas na França ao longo da segunda metade dos anos 1980, Michael Pollak também apontou para o fato de a identidade bissexual ser mais freqüente entre os mais jovens. Segundo escreve: “Depois dos 25 anos, idade a partir da qual se solidificam as preferências e os hábitos sexuais a proporção daqueles que se definem como ‘bissexuais’ diminui rapidamente. É difícil dizer se esse fenômeno remete à racionalização de uma coerção (no sentido psicanalítico do termo), levando a uma escolha clara ou, ao contrário, à revelação e à aceitação de uma verdade pessoal profundamente arraigada” (POLLAK, M. Os homossexuais e a Aids: Sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990, p.37).

GRÁFICO 11 | Identidade sexual agregada por faixa etária - Parada Rio 2004

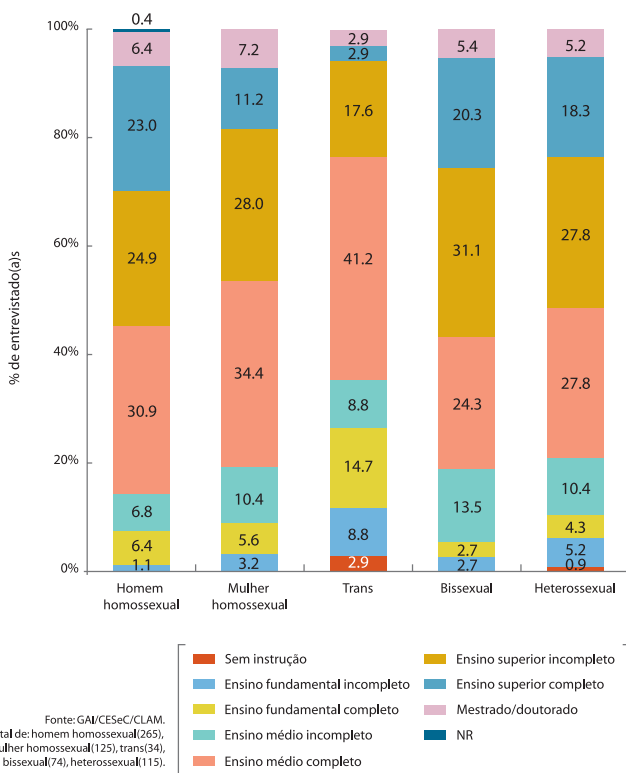


TRANSGÊNEROS: O(A)S MAIS EXCLUÍDO(A)S

Caso tomemos o nível de escolaridade segundo as diferentes orientações sexuais agregadas, vemos um marcado contraste entre o(a)s transgêneros, de um lado, e os homens homossexuais, de outro. Enquanto apenas 23.5% do(a)s transgêneros declararam ter mais de 11 anos de estudo (ensino superior completo ou incompleto), o número de homens homossexuais na mesma situação mais que duplica, subindo para 54.5%. Consistentemente, enquanto apenas 6.4% dos homens homossexuais disseram ter somente o ensino fundamental, esse número sobe para 14.7% entre os(as) transgêneros. Se 23% dos homens homossexuais afirmaram ter ensino superior completo, apenas 2.9% dos transgêneros puderam dizer o mesmo. Muito

mais perto do perfil de escolaridade dos homens homossexuais, situam-se as mulheres homossexuais. (GRÁFICO 12)

GRÁFICO 12 | Nível de escolaridade por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004

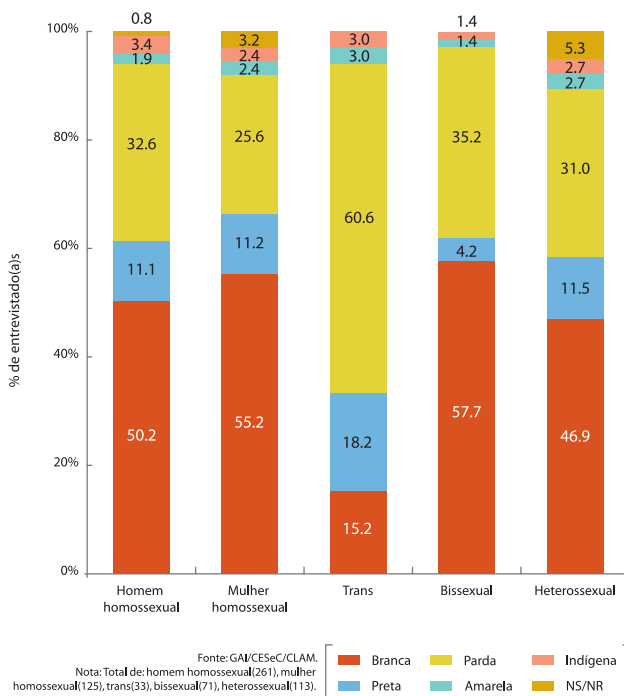


Além disso, nota-se que o uso da categoria “gay” como forma preferencial de expressão identitária tende a aparecer entre aqueles que possuem escolaridade mais alta, em forte contraste com o uso da categoria “entendido(a)”. Enquanto 44% dos que declararam possuir ensino superior completo identificaram-se como “gays”, apenas 0.9% nessa mesma faixa de escolaridade disseram-se “entendido(a)s”.

Diferentemente dos resultados de 2003, que mostravam uma certa homogeneidade no que dizia respeito ao número de entrevistados que

em cada categoria se declarava “branco”²² os dados cruzados sobre identidade sexual agregada e raça/cor, segundo as classificações do IBGE, apontam agora um maior número de “brancos” entre bissexuais, mulheres homossexuais e homens homossexuais (57.7%, 50.2% e 55.2%, respectivamente), em acentuado contraste com o(a)s transgêneros, entre o(a)s quais apenas 15.2% nomearam-se “branco(a)s”. É entre eles/elas que encontramos a maior porcentagem de “pardo(a)s” (60.6%) e “negro(a)s” (18.2%). (GRÁFICO 13)

GRÁFICO 13 | Cor por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



²² Em 2003, os valores assim variaram: 50% de “brancos”, entre transgêneros, categoria que apresentou o menor número de “brancos”; 61.5%, entre heterossexuais, categoria que apresentou o maior número.

O CARÁTER EXCLUDENTE DAS RELIGIÕES CRISTÃS

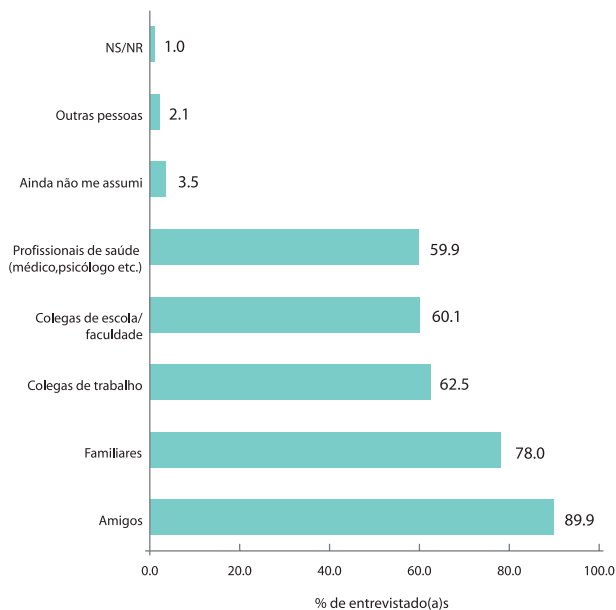
Quando se analisam em conjunto os dados disponíveis sobre religião e identidade sexual agregada, é interessante notar que o aumento da adesão ao espiritismo-kardecista e à umbanda ou ao candomblé, que os dados gerais revelam, aplica-se exclusivamente aos não-heterossexuais. Entre heterossexuais, há queda na adesão a todos os tipos de culto, quando se compara a religião em que foram criados e a religião que professavam no momento da entrevista. Assim, no âmbito de nossa amostra, a atração exercida pelo espiritismo, pela umbanda e pelo candomblé se faz sentir apenas entre o(a)s transgêneros e entre os homens e mulheres homossexuais e bissexuais. A diminuição da adesão a denominações evangélicas é bem mais acentuada entre os não-heterossexuais, caindo três vezes entre eles, enquanto entre os heterossexuais a queda é da ordem de 50%. Já o número dos sem-religião aumenta 3.8 vezes entre os heterossexuais enquanto entre não-heterossexuais o aumento é de 5.3 vezes. Os dados sobre religião parecem confirmar o caráter excludente das religiões cristãs em relação a homens e mulheres homossexuais, transgêneros e bissexuais, que acabam aderindo em maior número a religiões afro-brasileiras ou abandonando qualquer tipo de prática religiosa.

5. SEXUALIDADE, CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE

De um modo geral, a Parada tende a congrega indivíduos que percebem a sexualidade como uma questão política e que estão dispostos a assumir sua orientação sexual em alguma esfera de suas vidas. Porém, como os dados de 2003 já mostravam, revelar uma orientação sexual minoritária, alvo de forte estigmatização e discriminação, é um processo complexo e a questão em relação a quem os entrevistados já haviam declarado sua orientação sexual continua a revelar os mesmos círculos de visibilidade ou intimidade. É certo que, considerando-se o conjunto dos entrevistados homens e mulheres homossexuais, bissexuais e transgêneros, o grau geral de visibilidade é mais alto este ano do que no ano anterior, sendo que apenas 3.5% ainda estavam completamente “no armário”, contra 7.7% que se revelaram dessa forma em 2003. Os círculos de visibilidade continuam, porém, hierarquizando-se do mesmo modo: para amigos (89.9%); para familiares (78%); para colegas de trabalho (62.5%); para colegas de escola (60%) e para profissionais de saúde (59.9%).²³ (GRÁFICO 14)

²³ Em 2003, 79.6% haviam assumido sua orientação sexual para amigos; 67.8% para familiares; 50.2%, no trabalho e 39.2% na escola, não tendo sido indagados então sobre os profissionais de saúde. Em relação à escola, a diferença entre os números das duas pesquisas deve-se muito provavelmente à alteração na formulação da questão. Em 2003, perguntou-se se o respondente havia assumido sua orientação sexual “na escola”; obtendo-se 39.2% de respostas afirmativas. Em 2004, perguntou-se ao respondente se havia assumido a sua orientação sexual “para colegas da escola”; alcançando-se um patamar significativamente maior de respostas afirmativas.

GRÁFICO 14 Para quem já se assumiu (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 514 entrevistado(a)s.

Quando consideramos as identidades sexuais auto-atribuídas, vemos que, em grande contraste com as “travestis” e o(a)s “transexuais”, entre os quais nenhum permanece “no armário”, os “bissexuais” continuam sendo os que em maior número não se assumiram em círculo algum (12.2%), demonstrando também maior dificuldade em revelar sua orientação sexual aos profissionais de saúde (menos de um terço o teria feito). Nesse aspecto, o(a)s que se declararam “entendido(as)” continuam revelando um perfil bastante singular, pois enquanto apenas 1.8% do(a)s “gays”, 1.1% das “lésbicas” e 1% do(a)s “homossexuais” não teriam revelado sua orientação sexual em nenhum dos círculos, esse número sobe para 8.3% entre o(a)s “entendido(a)s”:

Caso consideremos as respostas relativas à visibilidade ou ao assumir-se publicamente segundo as diferentes identidades sócio-sexuais agregadas, constatamos que, diferentemente de 2003, os homens homossexuais são os que se assumiram em maior número em todos os círculos de intimidade. Continua notável a diferença entre homens e mulheres homossexuais quando se trata de

falar sobre sua orientação sexual para colegas de trabalho, sendo que, nesse círculo, 72.5% dos homens homossexuais já teriam assumido sua orientação sexual contra 55.1% das mulheres homossexuais.²⁴ Os dados obtidos em 2004 confirmam os de 2003 quanto ao fato de a idade aparecer como fator importante na dinâmica da visibilidade, que aumenta consistentemente segundo a faixa etária, principalmente quando se trata de assumir uma orientação homossexual para familiares, colegas de trabalho e profissionais de saúde.²⁵ (TABELA 2)

TABELA 2 | Entrevistado(a) que já se assumiram segundo identidade sexual auto-atribuída (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004

PARA QUEM JÁ SE ASSUMIU	IDENTIDADE SEXUAL AUTO-ATRIBUÍDA								
	Gay	Lésbica	Trans	Bissexual	Entendido(a)	Homossexual	Outra	Nenhuma	NS/NR
TOTAL POR IDENTIDADE	168	87	33	74	36	96	14	5	1
Familiares	Nº 137 % 81.5	70 80.5	30 90.9	44 59.5	23 63.9	83 86.5	12 85.7	1 20.0	1 100.0
Amigos/vizinhos/conhecidos	Nº 158 % 94.0	81 93.1	30 90.9	60 81.1	28 77.8	89 92.7	14 100.0	1 20.0	1 100.0
Colegas de trabalho	Nº 121 % 72.0	51 58.6	23 69.7	28 37.8	17 47.2	70 72.9	10 71.4	1 20.0	-
Colegas de escola/faculdade	Nº 108 % 64.3	50 57.5	24 72.7	38 51.4	13 36.1	66 68.8	8 57.1	1 20.0	1 100.0
Profissionais de Saúde	Nº 119 % 70.8	57 65.5	22 66.7	23 31.1	15 41.7	65 67.7	6 42.9	-	1 100.0
Outras pessoas (1)	Nº 23 % 13.7	5 5.7	1 3.0	2 2.7	-	3 3.1	-	-	-
Ainda não me assumi	Nº 3 % 1.8	1 1.1	-	9 12.2	3 8.3	1 1.0	-	1 20.0	-
NS/NR	Nº - % -	-	-	-	2 5.6	-	-	3 60.0	-

Fonte: GAI/CESeC/CLAM.

Notas: O mesmo participante pode estar simultaneamente em mais de uma categoria de pessoa/local para quem a identidade sexual foi exposta.

(1) Para as pessoas com quem se relaciona, desconhecidos, gerente do Banco, Justiça, Padre e pessoas da Igreja, porteiro, visitantes de seu blog. Todos os percentuais calculados são em relação ao total de cada identidade sexual. Sinal utilizado: - ausência de dado numérico não resultante de arredondamento.

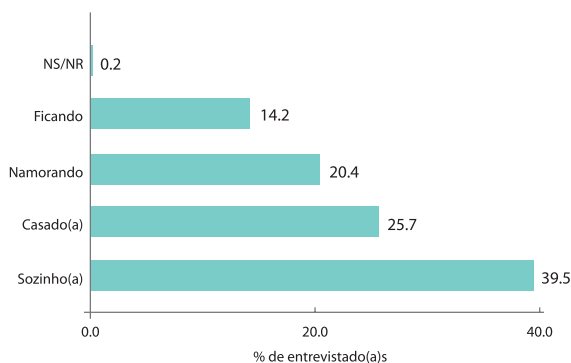
²⁴ Em relação aos homossexuais masculinos, a pesquisa do IBOPE (ver acima nota 4) fornece resultados não muito diferentes: 80% já teriam se assumido para os amigos; 68% para os pais; e 65% no trabalho ou na escola.

²⁵ Em 2003, a faixa etária que corresponde aos que têm 40 anos ou mais apresentava indivíduos cuja visibilidade era menor em certos círculos. Embora os dados não fossem conclusivos, afirmamos então que poderiam

CASAR, NAMORAR, FICAR...

Nas informações levantadas em 2003, boates gays apareceram como o principal espaço de sociabilidade de homens e mulheres homossexuais, transgêneros e bissexuais entrevistados (78.1%), seguida de perto pela casa de amigos (77.7%). Este fato reflete-se claramente nos dados sobre conjugalidade obtidos em 2004. Ao serem convidados a dizer onde haviam conhecido o companheiro atual, os 207 entrevistados engajados em relações amorosas mais estáveis revelaram que tais relações tiveram início em maior número (40.3%) em bares, boates e festas gays. Um número significativo (22.4%) dessas relações começou em lugares públicos ou comerciais não-gays e, apesar de a casa de amigos ser um importante espaço de sociabilidade, apenas 13.2% dos entrevistados conheceram aí os atuais parceiros. Internet e tele-amigo ofereceram ocasião para início de relações mais estáveis em 7.4% dos casos, sendo mais importantes para os jovens de 19 a 21 anos (14%). “Lugares de pegação” criaram esse tipo de oportunidade em apenas 3.7% dos casos.²⁶ (GRÁFICO 15)

GRÁFICO 15 | Situação amorosa - Parada Rio 2004



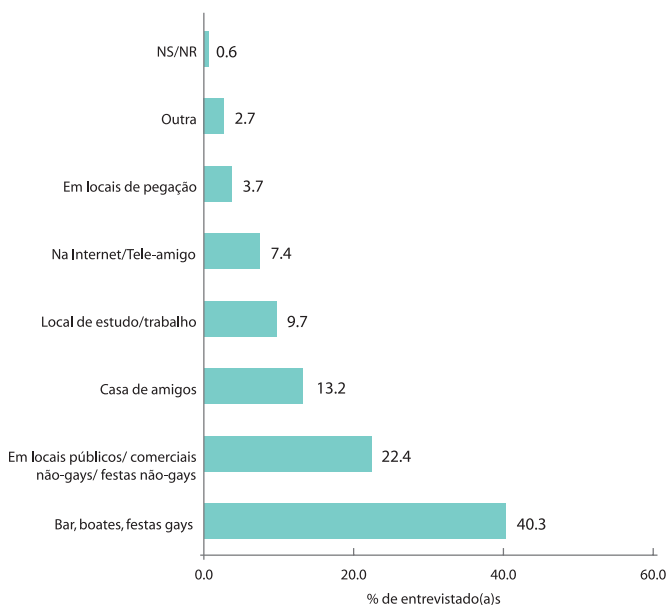
Fonte: GAM/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 514 entrevistado(a)s.

indicar uma modulação importante da visibilidade em diferentes gerações. Os dados de 2004 mostram, entretanto, uma visibilidade maior para essa faixa etária em praticamente todos os círculos de intimidade.

²⁶ Espaços em que relações sexuais anônimas são possíveis, os “lugares de pegação” foram referidos quase exclusivamente por homens homossexuais, principalmente entre os que possuíam mais de 30 anos, como o local de encontro do parceiro atual. Como os dados sobre sociabilidade revelaram em 2003, do ponto de vista da idade ou do ciclo de vida dos homens homossexuais, boates e lugares de pegação, como saunas, se opõem, sendo as primeiras lugares da sociabilidade jovem por excelência e as segundas da sociabilidade dos mais velhos.

A casa de amigos continua sendo mais significativa como espaço para o estabelecimento de relações mais duradouras para mulheres (17.9%) do que para os homens (10.7%), bem como Internet/tele-amigo, através dos quais 10.1% das mulheres encontraram suas atuais parcerias contra apenas 6% dos homens.²⁷ Acompanhando a mesma tendência, Internet e tele-amigo tornam-se mais importantes como espaços para o início de relações amorosas para mulheres homossexuais (12.6%) e bissexuais (9.5%) do que para os homens homossexuais (5.3%) e transgêneros (2.9%). Também para mulheres homossexuais, as casas de amigos e os locais de trabalho são mais significativos do que para homens homossexuais. Para estes, os “lugares de pegação”, embora apareçam como contexto para início de namoros ou casamentos, dão origem a relações estáveis em apenas 5.3% dos casos. Em relação à identidade sexual auto-atribuída, ressaltamos a importância da Internet ou tele-amigo na articulação de relações para “entendido(a)s” (11.1%). (GRÁFICOS 16 E 17)

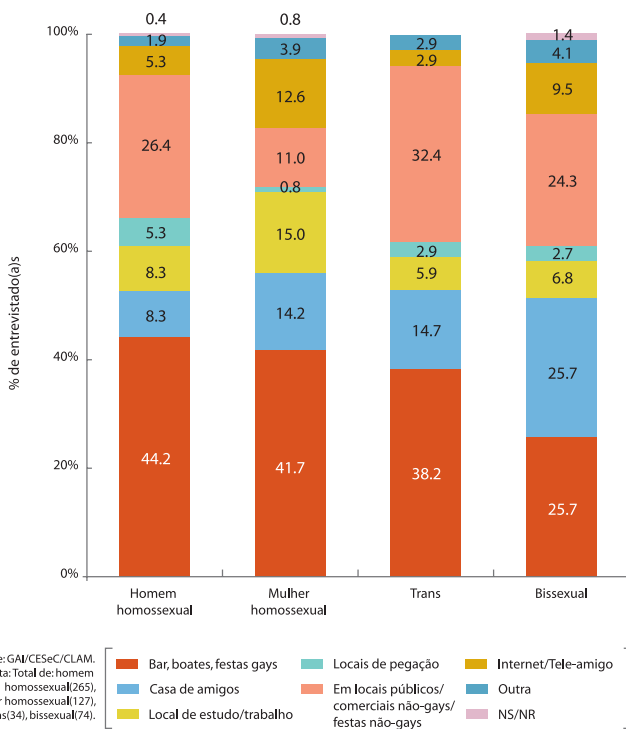
GRÁFICO 16 | Local onde conheceu o namorado(a) ou parceiro(a) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 514 entrevistado(a)s.

²⁷ A pesquisa realizada em 2003 revelou que a frequência a espaços de sociabilidade virtual era notável entre os entrevistados, sendo que metade deles declarou acessar *sites* gays ou lésbicos na Internet e/ou frequentar salas de bate-papo virtuais.

GRÁFICO 17 | Local onde conheceu o atual namorado(a) ou parceiro(a) por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



EM BUSCA D@ PARCEIR@ IDEAL

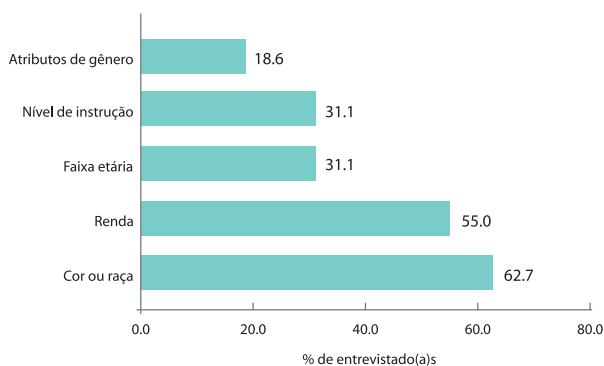
Percorrendo esses espaços de sociabilidade (homossexuais ou não) abertos a possíveis encontros sexuais e amorosos, o olhar de nossos entrevistados é seletivo e, para compreender melhor o modo como se dão as escolhas sexuais e amorosas, a pesquisa de 2004 incluiu uma questão exploratória sobre preferências quanto aos parceiros em relação à idade, ao nível de renda, à instrução, à cor ou raça²⁸ e aos atributos de gênero (se a prefe-

²⁸ Ressaltamos que a complexidade de trabalhar com cor/raça no Brasil, principalmente como critério de seleção de parcerias sexuais ou conjugais, tem sido explorada por diferentes autores (ver, por exemplo, MOUTINHO, L. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp Ed, 2004), devendo os dados aqui apresentados a respeito desse ponto serem considerados com cautela.

rência recaía sobre parceiros mais ou menos femininos ou masculinos.²⁹ Entre os 514 homens e mulheres (homossexuais, bissexuais e transgêneros) que responderam a essa questão, 95% manifestaram ter algum tipo de preferência em suas escolhas amorosas.

Características sociais e de gênero dos parceiros são diferentemente valorizadas pelos respondentes. Os entrevistados são muito mais seletivos no que diz respeito aos atributos de gênero manifestados por seus parceiros, sendo que nesse aspecto apenas 18.6% se disseram indiferentes. No extremo oposto, grande número de entrevistados afirmou que cor/raça e renda dos parceiros não são critérios importantes para as suas escolhas (respectivamente 62.7% e 55% declararam-se indiferentes em relação a tais características ou atributos).³⁰ Em posição intermediária, está o número dos que se disseram indiferentes à idade e ao nível de instrução de seus parceiros, chegando as porcentagens a pouco mais de 30%. (GRÁFICO 18)

GRÁFICO 18 | Indiferentes quanto às características sociais e de atributos de gênero do(a)s parceiro(a)s (múltiplas respostas) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.

Nota: Total de entrevistado(a)s: Renda (509), cor ou raça (510), nível de instrução (511), faixa etária (509) e atributos de gênero (506).

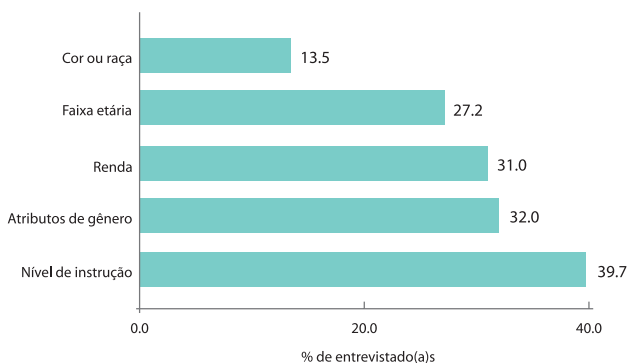
²⁹ Entre as alternativas de respostas, foram também oferecidas: "indiferente" e "assim como você" (Ver Questionário **Anexo 1**).

³⁰ A resposta negativa não significa necessariamente que critérios raciais e de classe sejam irrelevantes no sistema de preferência ou escolha dos entrevistados. Confessar a adoção de tais critérios contraria orientações culturais importantes, além de poder ter sido considerado politicamente incorreto em meio a uma manifestação centrada na luta pelos direitos e pela igualdade.

De um modo geral, as mulheres homossexuais mostraram-se mais indiferentes às características sociais e de gênero de suas parceiras do que os homens homossexuais. Assim, enquanto 75.2% das mulheres homossexuais se disseram indiferentes à cor/raça das parceiras, 58.7% dos homens homossexuais declararam o mesmo. Se 61.6% de mulheres homossexuais não colocaram como fator determinante o nível de renda de suas parceiras, 56.5% de homens homossexuais fizeram o mesmo. Enquanto 44.1% das mulheres homossexuais seriam indiferentes à idade das companheiras, apenas 25.3% dos homens homossexuais afirmaram o mesmo. Em relação aos atributos de gênero dos parceiros (característica em relação à qual os entrevistados tendem, como vimos, a ser mais seletivos), 20.2% das mulheres homossexuais seriam indiferentes à aparência mais ou menos feminina de suas companheiras, contra 15.4% dos homens que dizem o mesmo em relação à aparência mais ou menos masculina de seus parceiros. Apenas no que diz respeito ao grau de instrução dos parceiros, o índice de indiferença entre homens e mulheres homossexuais aproximasse, ficando em 34.4% entre elas e 32.2% entre eles.

Consistente com os dados sobre os diferentes graus de indiferença, a busca de iguais (“assim como você”) também se hierarquiza, dependendo do tipo de característica ou atributo em foco. Assim, quase 40% dos entrevistados declararam procurar parceiros com o mesmo nível de instrução, sendo que a busca por alguém com escolaridade equivalente aumenta sensivelmente conforme se amplia o próprio nível de instrução do respondente. Em relação à preferência quanto à situação econômica do companheiro, embora seja alto o grau de indiferença declarada, um número significativo de respondentes (31%) disse escolher pessoas com o mesmo nível econômico. Quanto à aparência mais ou menos masculina/feminina dos parceiros, 32% declararam preferir iguais. Já o número de entrevistados que procuram parceiros da mesma faixa etária sobe progressivamente conforme a idade do respondente, indo de 18.8% entre os que têm 18 anos ou menos, até 32.2% entre os de 40 anos ou mais. A preferência no sentido da homogamia é muito menos declarada quanto se trata de cor/raça, sendo que apenas 13.5% declararam preferir companheiros da sua mesma cor/raça. (GRÁFICO 19)

GRÁFICO 19 | Preferem o(a)s iguais quanto às características sociais e de atributos de gênero do(a)s parceiro(a)s (múltiplas respostas)
Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.

Nota: Total de entrevistado(a)s: Renda (509), cor ou raça (510), nível de instrução (511), faixa etária (507) e atributos de gênero (506).

Considerando-se os dados em seu conjunto, podemos afirmar que, quando instados a manifestarem as suas preferências quanto aos parceiros, a resposta mais comum foi a indiferença ou a busca de alguém com perfil semelhante ao do próprio respondente.³¹ Muitos, no entanto, revelaram valorizar determinadas diferenças. Vejamos em que sentido essa valorização se manifesta.

Os entrevistados que indicaram alguma preferência o fizeram mais no sentido de procurar pessoas “mais ricas” (12.6%) do que “mais pobres” (1.2%), sobretudo entre o(a)s transgêneros (32.4%). Da mesma forma, 28% dos entrevistados disseram preferir parceiros mais instruídos (50% entre os/as transgêneros) contra apenas 0.6% que se colocaram de maneira contrária. É interessante notar que a preferência por parceiros mais instruídos cai consistentemente conforme aumenta o próprio grau de instrução do respondente.

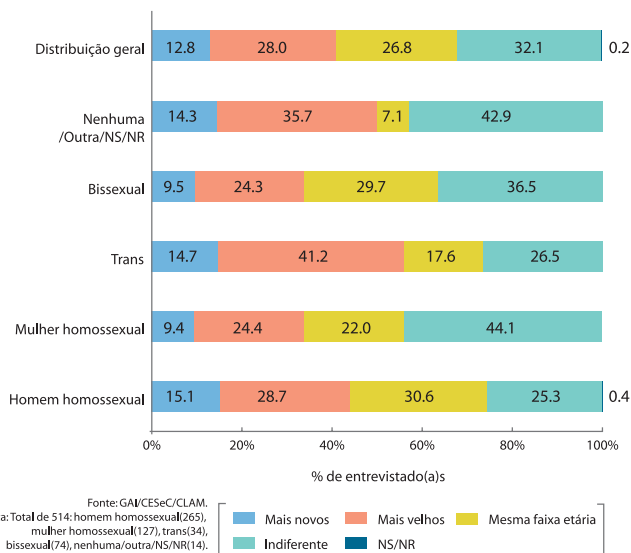
Quando os respondentes manifestaram alguma preferência em relação à cor/raça de seus parceiros – além dos 13.5% que escolheram pessoas da sua mesma cor/raça – ressaltamos que os que priorizaram os “mais claros” (16.3%) correspondem a mais do dobro dos que preferiram os “mais escuros”

³¹ Ao menos no que diz respeito à busca de iguais, ou homogamia, nossos dados estão afinados com os padrões de preferências e escolhas identificadas nas análises sobre seletividade conjugal no Brasil (nesse sentido, ver, entre outros, BERQUÓ, E. “Demografia da desigualdade”, *Revista Novos Estudos Cebrap. Cebrap, São Paulo*, n.21, p.74-85, 1998.

(7.1%). É curioso que a opção por “mais claros” seja mais acentuada entre os que se classificaram como “pardos” (23%) e “pretos” (20.4%) do que entre os que se denominaram “brancos” (11.4%). Como veremos abaixo, apenas nos dois primeiros casos tais preferências se confirmaram, quando se analisa a cor/raça atribuída ao parceiro atual pelos que estão engajados em relações amorosas.

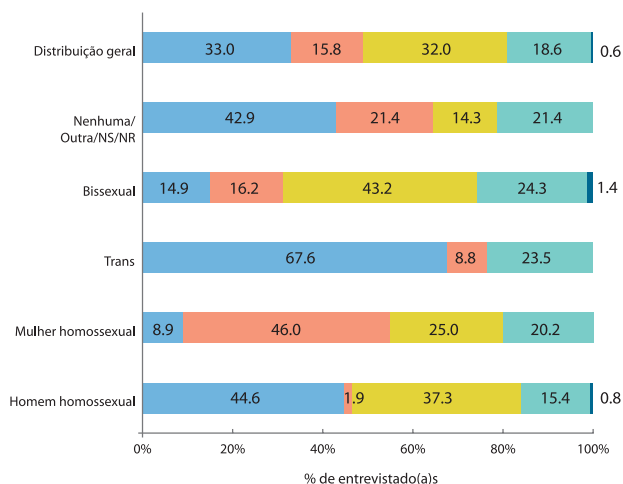
Quanto à idade, quando alguma preferência se manifestava, ela privilegiava, de modo geral, parceiros mais velhos (28%) e não mais novos (12.8%), embora essa escolha esteja fortemente modulada pela própria idade do respondente e por sua identidade sócio-sexual. Assim, se a preferência por parceiros mais velhos é muito marcada nas faixas etárias inferiores, chegando a 41.7% entre os que tinham idades entre 15 e 18 anos, e a 38.8% entre os de 19 a 21 anos, ela decresce progressivamente, chegando a 9.2% entre os de 40 anos ou mais. No plano das identidades sexuais, temos que 15.1% dos homens homossexuais entrevistados manifestaram preferência por parceiros mais jovens, enquanto apenas 9.4% das mulheres homossexuais declararam o mesmo. (GRÁFICO 20)

GRÁFICO 20 | Preferência em relação à faixa etária do(a)s parceiro(a)s por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Finalmente, é interessante notar o modo como as preferências se distribuem quando se trata de atributos de gênero exibidos por parceiros, ou seja, quando se pergunta sobre a preferência por parceiros mais ou menos masculinos ou femininos. Aqui se percebe uma extrema valorização de atributos masculinos entre os homens homossexuais, transgêneros e bissexuais, dos quais nada menos do que 45.2% declararam priorizar parceiros mais masculinos contra apenas 2.7% que disseram preferi-los mais femininos. As respostas das mulheres (homossexuais, bissexuais e transgêneros) oferecem uma espécie de espelho invertido, com 40.3% delas declarando preferência por parceiras mais femininas e apenas 10.2% afirmando gostar de parceiras mais masculinas. (GRÁFICO 21)

GRÁFICO 21 | Preferência por atributos de gênero segundo identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Total de 506: homem homossexual(260),
 mulher homossexual(124), trans(34),
 bissexual(74), nenhuma/outra/NS/NR(14).

■ Mais novos
 ■ Mais velhos
 ■ Mesma faixa etária
■ Indiferente
 ■ NS/NR

No caso dos homens homossexuais entrevistados, estes dados podem refletir, por um lado, uma hierarquia estética que nas últimas décadas vem valorizando uma aparência viril; por outro lado, a incorporação do estigma que recai tradicionalmente sobre a passividade sexual, comumente associ-

ada à inclusão, por homens homossexuais, de uma performance feminina. Mas, considerando-se a manifesta preferência das mulheres por parceiras mais femininas, devemos levantar outras hipóteses explicativas, para além do fato de as mulheres com atributos masculinos evidentes serem também particularmente estigmatizadas. Parece instigante perguntar, por exemplo, se certas estratégias de defesa contra a discriminação não estariam na base da preferência de mulheres e homens homossexuais por parceiros mais adequados às expectativas de gênero dominantes, ou seja, mais “discretos” e, portanto, menos identificáveis publicamente como homossexuais. De qualquer modo, há aí todo um investimento erótico a ser ainda decifrado.

DO IDEAL AO POSSÍVEL...

Passando do universo do desejável para o das relações estabelecidas de fato, os dados de 2004 revelam que 39.5% dos entrevistados declararam estarem “sozinhos” no momento da entrevista, 14.2% estavam “ficando”, 20.4% “namorando” e 25.7% estariam “casados”.³² Podemos afirmar assim que mais da metade dos entrevistados estava sozinha ou mantendo vínculos amorosos bastante frouxos (“ficando”), enquanto 46.1% estavam engajados em relações afetivo-sexuais mais ou menos estáveis (casados e namorando).

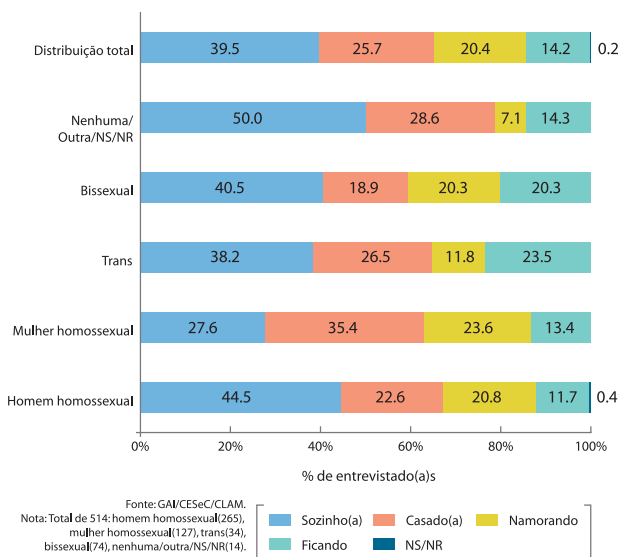
Comparativamente ao ano de 2003, os resultados relativos à situação amorosa dos entrevistados variam muito pouco e continuam fortemente modulados segundo a identidade sócio-sexual e a idade dos entrevistados. O número de mulheres homossexuais sozinhas (27.6%) continua significativamente menor do que o dos homens homossexuais (44.5%).³³ Em relações amorosas mais estáveis (“casadas” ou “namorando”), temos 59% das mulheres homossexuais, contrapondo-se a 43.4% dos homens. A proporção das que se disseram “casadas” (35.4%) supera em muito a dos que se disseram na mesma situação (22.6%).³⁴ (GRÁFICO 22)

³² Os dados sobre a situação amorosa obtidos em 2004 acompanham de perto os de 2003, quando as porcentagens eram respectivamente: 40.6% sozinhas; 10.8% “ficando”; 23.6% namorando; 24.3% casados.

³³ Em 2003, eram 30.2% sozinhas contra 47% dos homens na mesma situação.

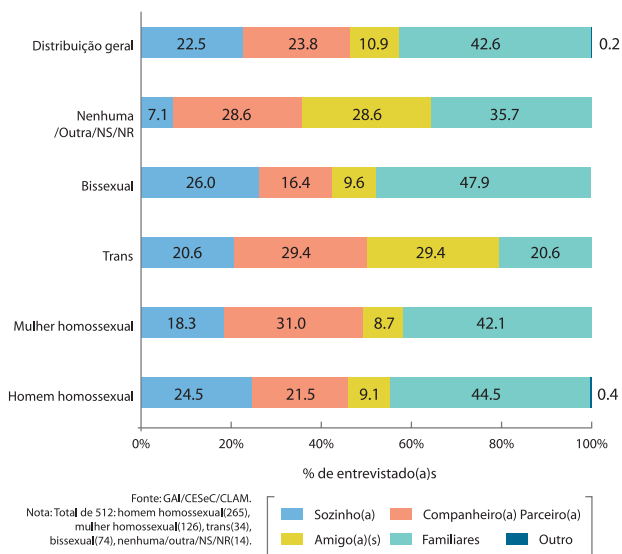
³⁴ Segundo os dados do Censo 2000, 40.5% dos moradores do município do Rio de Janeiro estavam “casados” e compartilhando o mesmo domicílio. Apenas entre as mulheres homossexuais de nossa amostra, a porcentagem de casamentos aproxima-se desta cifra.

GRÁFICO 22 | Situação amorosa por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Mesmo que casamento não signifique necessariamente coabitação, como já mostravam os dados de 2003, a coincidência entre o número dos que se disseram casados e os que declararam morar com o companheiro é muito maior em 2004. Assim, se 35,4% das mulheres homossexuais disseram-se casadas, 31% declararam coabitação. No mesmo sentido, se 22,6% dos homens homossexuais se disseram casados, 21,5% declararam coabitação. Em relação à idade, ressaltamos que o número de casados cresce consistentemente conforme sobem as diferentes faixas etárias. (GRÁFICO 23)

GRÁFICO 23 | Com quem reside atualmente por identidade sexual agregada Parada Rio 2004



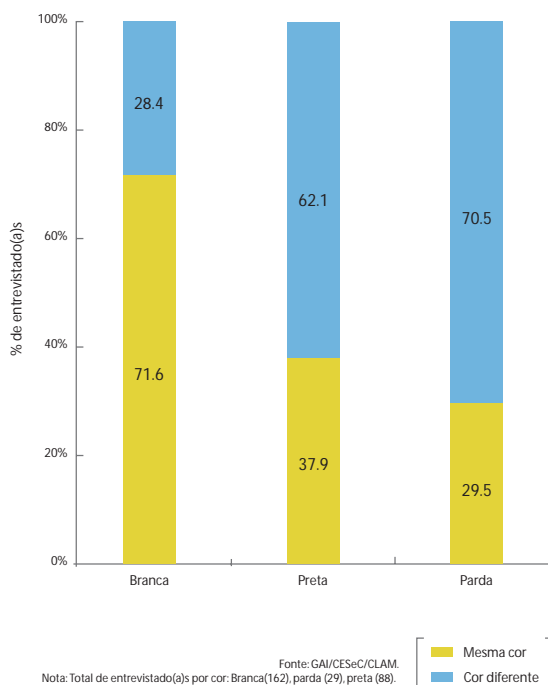
Se, como vimos acima, apenas 13,5% declararam preferir parceiros da mesma cor/raça, uma porcentagem bastante superior estava engajada em relações homocrômicas.³⁵ Excluindo-se os que estavam sozinhos, temos que 52% dos entrevistados (menos os heterossexuais) mantinham relações com parceiros percebidos como da mesma cor/raça. A homocromia é mais significativa entre aqueles que se autocalificam como “brancos”:³⁶ Assim, excluindo-se os que estavam sozinhos, entre os que se autocalificaram como “brancos”, temos 73% das mulheres homossexuais e 66,6% dos homens homossexuais engajados em relações homocrômicas. Entre homens e mulheres homossexuais, bissexuais e transgêneros não-brancos, o nível de homocromia é menor, ficando em torno dos 30%.

³⁵ Entendemos aqui por “relações homocrômicas”, as relações afetivo-sexuais entre pessoas da mesma cor ou raça, por oposição às “relações heterocrômicas” que uniriam pessoas de cor/raça diferentes.

³⁶ Essa tendência é igualmente identificada nas análises sobre o mercado matrimonial formal que geralmente explicam a maior homocromia entre “brancos” pelo fato deste ser o grupo populacional mais numeroso. (ver, entre outros, SILVA, N. do V., “Distância social e casamento iner-racial no Brasil”, *Estudos Afro-Asiáticos*, n.14, Rio de Janeiro, 1987 e PETRUCCELLI, J. L., “Seletividade por cor e escolhas conjugais do Brasil dos 90”, *Estudos Afro-Asiáticos*, n.1, Rio de Janeiro, 2001).

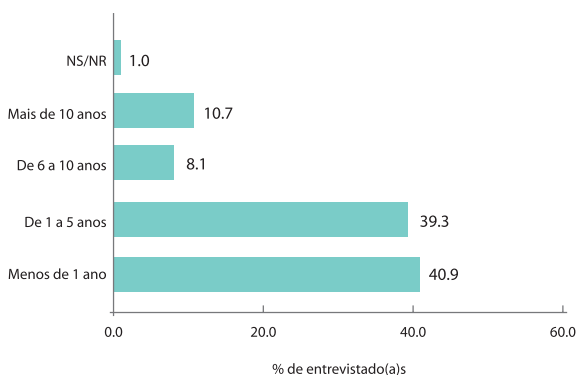
Não considerando os que se disseram sozinhos, homens e mulheres homossexuais, que se vêem como “brancos” quando não se envolvem em parcerias homocrômicas, estão preferencialmente com “pardos” (respectivamente, 22.2% e 18.7%) e minoritariamente com “pretos” (respectivamente 8.6% e 6.2%). Entre os que se declararam “pardos”, a maioria (56.8%) mantinha relação com “brancos” contra apenas 9% com “pretos”. Dos 27 homens e mulheres homossexuais, bissexuais e transgêneros que se identificaram como “pretos” e estavam engajados em relações mais estáveis, 10 mantinham relações com parceiros considerados “brancos” e 6 com “pardos”. Assim, se a homocromia é mais freqüente entre os “brancos”, a heterocromia é mais comum entre os “pardos”; destes, grande número de respondentes declara engajamento com parceiros “brancos”. Desse modo, a manifesta preferência por parceiros “mais claros” parece ocasionar impacto evidente nas parcerias efetivamente estabelecidas. (GRÁFICO 24)

GRÁFICO 24 | Cor do entrevistado(a) em relação à cor do parceiro(a) - Parada Rio 2004



As relações amorosas mantidas pelos respondentes têm duração variada. Dos 308 entrevistados que responderam a esta questão, 58% estão engajados em relações que já duram há mais de 1 ano, sendo que as que têm menos de 1 ano estão, como era de se esperar, fortemente concentradas entre os jovens de até 21 anos de idade. Se os retirarmos de nosso cálculo, veremos que os relacionamentos de 1 a 5 anos correspondem a 39.3% de nossa amostra e que 18.8% deles já duravam há mais de 6 anos. Conforme aumenta a idade do entrevistado, relações com mais de 6 anos de duração tornam-se mais comuns, correspondendo a 31.2% das existentes entre os que tinham de 30 a 39 anos no momento da entrevista e a 54.4%, entre os que declararam ter mais de 40 anos. Excluindo-se os menores de 21 anos, constatamos que 13.4% mantêm vínculos estáveis há mais de 10 anos. Aqueles com 40 anos idade ou mais, no momento da entrevista, perfazem 40.4% dessas relações mais longas. (Gráfico 25)

GRÁFICO 25 | Tempo de relação - Parada Rio 2004

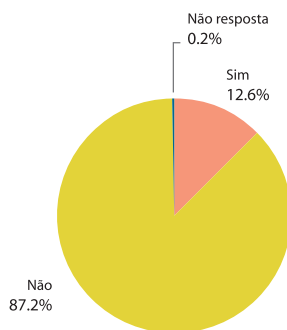


Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 308 entrevistado(a)s.

Os dados relativos à duração das relações amorosas estabelecidas parecem-nos especialmente significativos diante da idéia de que as relações homossexuais se caracterizam pela fugacidade e pela instabilidade. Não resta assim qualquer dúvida de que o reconhecimento das uniões ou parcerias entre pessoas do mesmo sexo viria beneficiar um número importante de relações estáveis e, talvez por isso mesmo, a maioria dos entrevistados, principalmente os mais instruídos, apóie o projeto de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo em discussão no Congresso (ver discussão adiante).

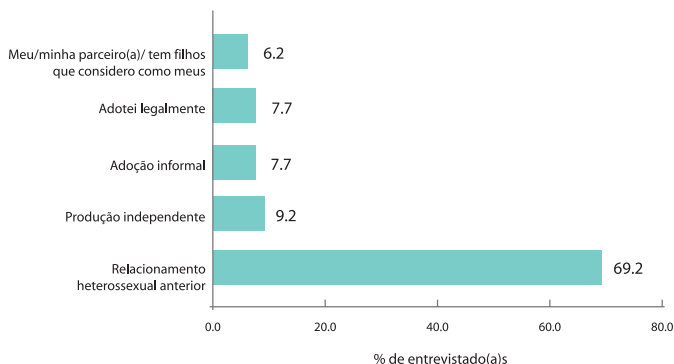
Um número significativo de nossos entrevistados (65) revelou ter filhos. Excluindo-se aqueles com menos de 21 anos, temos que 16% dos respondentes declararam possuí-los. Tal número sobe para quase um terço (28.7%) entre os que têm 40 anos ou mais. As mulheres declararam mais freqüentemente ter filhos (16.2%) do que os homens (11%) e, tomando como referência as identidades sexuais agregadas, podemos registrar que o(a)s bissexuais são os que mais freqüentemente têm filhos (23%), seguidos pelo(a)s transgêneros. Entre o(a)s 34 transgêneros de nossa amostra, 6 dele(a)s tinham filhos. A grande maioria desses filhos advém de relacionamento heterossexual anterior (68.1%). Entre os respondentes com filhos, 2.7% deles os tiveram através de adoção legal (“adotei legalmente”) ou informal (“peguei para criar”; meu parceiro tem filhos que considero meus”). Apenas 9.2% os tiveram através de relação heterossexual eventual (“produção independente”). (GRÁFICOS 26 E 27)

GRÁFICO 26 | Existência de filho(a)s - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 514 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 27 | Origem dos filho(a)s - Parada Rio 2004

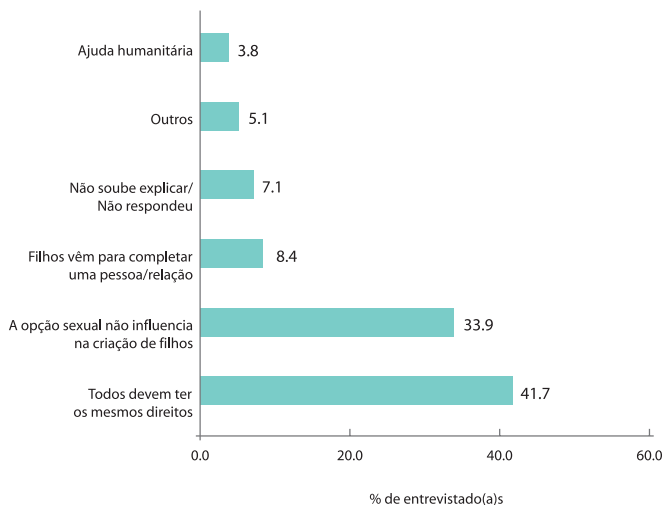


Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 65 entrevistado(a)s.

Se filhos são uma realidade para muitos homens e mulheres homossexuais, transgêneros e bissexuais, a grande maioria dos entrevistados (87.7%), independente de ter ou não filhos, concorda com a adoção de crianças por homens e mulheres homossexuais. As mulheres são em geral mais favoráveis (91.6%) à adoção de crianças por homossexuais do que os homens. As mulheres homossexuais (94.5%) são ainda mais marcadamente favoráveis do que os homens homossexuais (86.8%). Caso consideremos as identidades sexuais auto-atribuídas, notamos que o(a)s “entendidos” são o(a)s que menos apóiam a adoção de crianças por homens e mulheres homossexuais (77.8% são favoráveis). E 41.7% daqueles que concordam com a idéia de homossexuais terem ou criarem filhos têm como base o ideário da igualdade, afirmando que homossexuais e heterossexuais devem ter os mesmos direitos à parentalidade. Um número importante (34%) justifica seu apoio à homoparentalidade³⁷ através da idéia de que a orientação sexual dos pais não influencia a educação dos filhos, construindo assim um discurso reativo ao suposto de que a homossexualidade dos pais teria algum impacto negativo na orientação sexual dos filhos. (GRÁFICO 28)

³⁷ Este termo é traduzido do francês, *homoparentalité*, cunhado pela APGL (Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicos). Refere-se unicamente e de forma ampla à orientação homossexual de pessoas que assumem a paternidade ou maternidade de filhos.

GRÁFICO 28 | Opinião dos que concordam que homossexuais tenham/criem filho(a)s - Parada Rio 2004



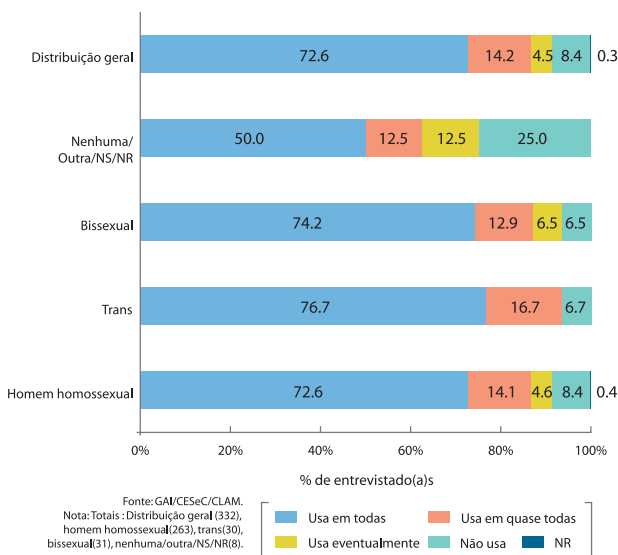
Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 451 entrevistado(a)s.

Entre os respondentes (7.6% ou 39 casos) que discordavam da idéia de homossexuais terem ou criarem filhos, as justificativas mais comuns alegadas foram as de que a reprodução biológica é apropriada apenas aos heterossexuais, de que filhos de pais homossexuais sofrerão preconceito e de que, devido à orientação sexual dos pais, os filhos poderiam apresentar uma "estrutura mental confusa". Embora minoritários, os que discordam de homossexuais criarem filhos trazem à tona uma realidade que deve merecer a atenção de todos os atores engajados na promoção da cidadania de gays, lésbicas, travestis, transexuais, qual seja: se tais idéias estão presentes entre os manifestantes da Parada (como vimos, de um modo geral, altamente escolarizados e politizados), elas devem difundir-se ainda mais intensamente pelo restante da sociedade brasileira.

SEXO MAIS SEGURO: PREVENÇÃO À AIDS

Quanto ao uso do preservativo, 72.6% dos nossos entrevistados (homossexuais, bissexuais e transgêneros) disseram que o utilizavam em todas as relações sexuais.³⁸ Continua significativo, entretanto, o número daqueles que não usam preservativos ou o fazem de modo não-sistemático, entre os quais 12,9% declararam não ter este hábito ou lançar mão dele apenas eventualmente e 14.2% disseram utilizá-lo em *quase* todas as relações. Os(as) transgêneros são os que fazem o uso mais sistemático de preservativos, sendo que 76.7% afirmaram utilizá-los em todas as relações sexuais,³⁹ seguidos de perto por homens bissexuais (74.2%) e por homens homossexuais (72.6%).⁴⁰ (GRÁFICO 29)

GRÁFICO 29 | Uso de preservativo nas relações sexuais (amostra masculina) por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



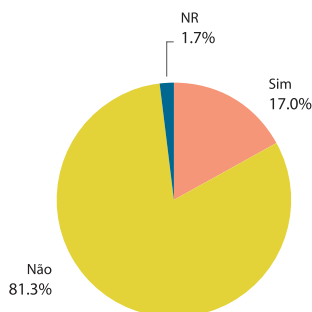
³⁸ É importante notar que, em 2003, de um modo geral, a taxa de uso sistemático de preservativos foi menor (62.1%), o que se deveu em parte ao fato de a mesma questão ter sido formulada para homens e mulheres.

³⁹ Em 2003, embora os transgêneros fossem os que reportavam um uso mais sistemático de preservativos, a cifra era significativamente mais alta, chegando a 92.3%.

⁴⁰ Em 2003, os homens homossexuais reportaram taxas mais altas de uso sistemático de preservativos, alcançando 81.6%.

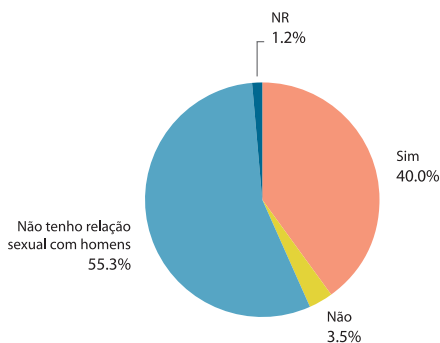
No caso das mulheres, o uso de proteção ou barreira nas relações sexuais é muito menos disseminado, sendo que apenas 17% delas declararam usar alguma proteção. Quando indagadas sobre o uso de preservativo ou proteção em suas relações com homens, o número das que afirmam utilizá-lo subiu para 40%.⁴¹ (GRÁFICOS 30 E 31)

GRÁFICO 30 | Uso de proteção/barreira nas relações com mulheres (amostra feminina) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 176 entrevistadas.

GRÁFICO 31 | Uso de proteção/preservativo nas relações com homens (amostra feminina) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 170 entrevistadas.

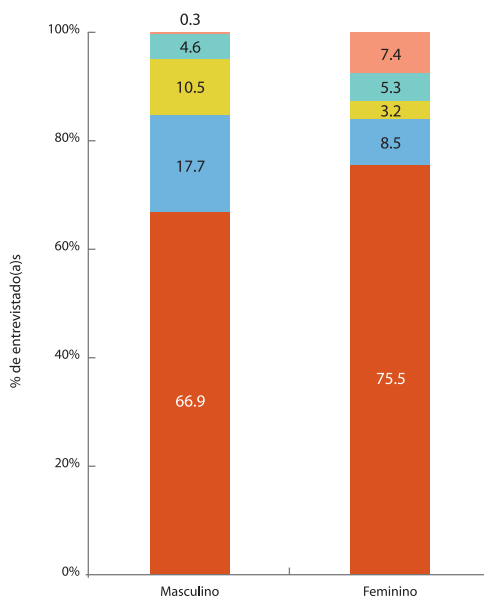
⁴¹ É interessante notar que 26% das mulheres homossexuais de nossa amostra declararam manter eventualmente relações sexuais com homens, sendo que 3 das 35 mulheres bissexuais têm relações exclusivamente com mulheres.

Nossos dados não revelam mudanças expressivas no uso do preservativo entre homens segundo as faixas etárias ou o nível de escolaridade. O emprego mais ou menos sistemático de preservativos ou barreiras parece ser mais claramente dependente do tipo de relação amorosa em que o respondente está engajado. Assim, o uso de preservativos (em todas as relações, em quase todas e eventualmente) entre os homens homossexuais hierarquiza-se claramente segundo o caráter de tais relações: para os que estavam sozinhos, o uso reportado chega a 98.3%, caindo para 96.8% para os que estavam “ficando”; 87.3% entre os que estavam namorando e 78.3% entre os casados. Ao observarmos os dados das mulheres homossexuais, verificamos que se perto de 20% das que estão sozinhas, “ficando” ou namorando usam algum tipo de barreira, apenas 8,9% das casadas fazem o mesmo.

Daqueles que usam preservativos – entre homossexuais, transgêneros e bissexuais – a grande maioria declarou que os compra (66.9%⁴² dos homens e 75.5% das mulheres), sendo bem menor o número daqueles que os recebem de postos de saúde (17.7% dos homens e 8.5% das mulheres), ONGs-AIDS e grupos ativistas homossexuais (10.5% dos homens e 3.2% das mulheres). Estes dados contrastam expressivamente com os relativos aos “homossexuais masculinos” entrevistados pelo IBOPE em 2002, segundo os quais 71% conseguiam preservativos gratuitamente. Em nossa amostra, 67.4% dos homens homossexuais declararam que compram preservativos, 16.1% os obtêm em postos de saúde e apenas 11.2% junto a ONGs-AIDS e grupos homossexuais. Segundo nossos dados, o(a)s transgêneros são os que menos compram preservativos (58.1%), sendo entre eles significativo o número daquele(a)s que os recebem de serviços de saúde (35.5%). (GRÁFICO 32)

⁴² Em 2003, eram 73.6%.

GRÁFICO 32 | Local de obtenção de preservativos por sexo - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais:
 Masculino(305) e feminino(95).



6. PARTICIPAÇÃO, POLITIZAÇÃO E NOVOS DIREITOS

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE, entre 1996 e 2002, associações civis sem fins lucrativos cresceram 157% no Brasil,⁴³ configurando uma espécie de “boom” do terceiro setor e confirmando a importância das organizações da sociedade civil nos processos de construção da democracia brasileira. A pesquisa também comprovou que as organizações não-governamentais e as fundações passaram a ter expressiva presença a partir dos anos 1980 e conheceram intenso crescimento nos anos 1990. Entre os vários setores levantados (saúde, habitação, cultura, educação, religião, meio ambiente e outros), as entidades dedicadas a “desenvolvimento e defesa dos direitos” (onde se encontram as organizações de defesa dos direitos de homossexuais) foram as que mais se expandiram no período estudado (1996 a 2002), tendo crescido 302%.⁴⁴

Para tentar captar a intensidade da cultura participativa na nossa amostra, perguntamos aos entrevistados se faziam ou já tinham feito parte de algum dos seguintes movimentos sociais: associações de moradores, sindicatos, partidos políticos, grupos religiosos, ONGs, movimento estudantil, movimento homossexual ou outros. Apenas 195 respondentes, entre 513 entrevistados, disseram que nunca pertenceram a nenhum desses movi-

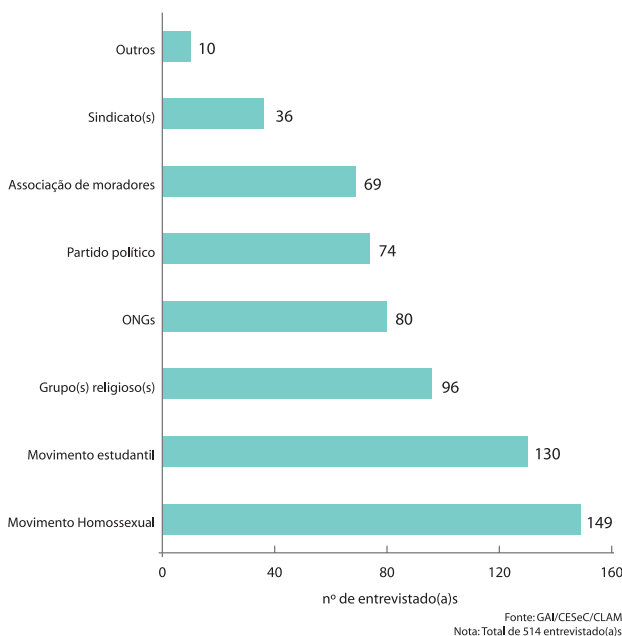
⁴³ Dados da pesquisa (realizada em parceria com o IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – e com a ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais) encontram-se publicados no jornal O Globo, de 11 de setembro de 2004, p. 33.

⁴⁴ Para chegar às 275.895 organizações levantadas na pesquisa sobre o terceiro setor em 2002, o IBGE contabilizou entidades que atendessem simultaneamente aos seguintes critérios: organizações sem fins lucrativos, institucionalizadas, auto-administradas e voluntárias.

mentos ou esferas (38%). Quando olhamos a distribuição deste conjunto de pessoas por identidade sexual agregada, verificamos que os grupos se aproximam, sendo de bissexuais (42.9%) o segmento ligeiramente menos participativo e de transgêneros o grupo mais participativo (apenas 35.3% afirmaram nunca ter feito parte de um movimento social).

As modalidades de participação predominantes entre os entrevistados sugerem uma população altamente politizada e engajada na defesa de seus direitos: o movimento social com maior frequência de participação foi o movimento homossexual (149 entrevistados), seguido do estudantil (130). Os grupos religiosos vêm em terceiro lugar, (96 participantes) e, em seqüência, as ONGs (80), os partidos políticos (74), as associações de moradores (69) e os sindicatos (36). (GRÁFICO 33)

GRÁFICO 33 | Participação política (respostas múltiplas) - Parada Rio 2004



Nesse contexto, surpreende o fato de que um terço dos entrevistados (32.9%) não tinha nem mesmo opinião formada quando perguntados se

durante o governo Lula a situação dos direitos dos homossexuais estava pior, melhor ou igual ao governo anterior. Entre os que tinham opinião, a maioria respondeu que a defesa dos direitos de homossexuais estava igual ao governo anterior (39.4%). Apenas 10.7% acharam que a situação era pior, contra 15.2% que a viam como melhor no governo Lula. O resultado contrasta fortemente com o amplo apoio ao governo Lula revelado na pesquisa de 2003, quando 83.3% dos entrevistados afirmaram ter votado em Lula nas eleições presidenciais de 2002. Entre os grupos de identidade, transgêneros são o segmento mais otimista (23.5% acha que a situação melhorou), contra bissexuais (apenas 10.8% acha que a situação melhorou no atual governo).

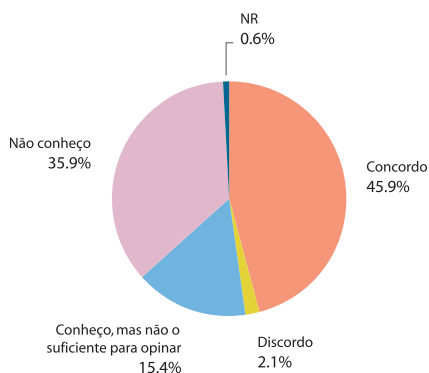
A pergunta a ser feita aqui é se os entrevistados estavam “decepcionados” com o governo no qual votaram majoritariamente dois anos antes, ou pouco informados, ou apenas indiferentes. Independentemente da avaliação sobre as ações governamentais no campo dos direitos de homossexuais, chama a atenção o fato de que o Programa *Brasil Sem Homofobia* (Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual), lançado um mês antes da Parada de 2004,⁴⁵ permanecesse quase que inteiramente desconhecido por grande parte dos participantes.

Os conhecimentos da população entrevistada sobre as ações do Poder Legislativo em defesa dos interesses homossexuais são também bastante limitados. Dos entrevistados, 72% responderam não conhecer qualquer legislação que beneficie os homossexuais (exceto a lei de “parceria civil”, objeto da pergunta anterior). É surpreendente que, a despeito da veiculação relativamente freqüente de notícias nos meios de comunicação sobre ampliação de direitos previdenciários para parceiros do mesmo sexo no âmbito dos Legislativos e dos Executivos municipais e estaduais em várias partes do Brasil, de jurisprudências e de liminares na esfera do Poder Judiciário, apenas 140, entre 513 entrevistados, mencionassem alguma dessas leis ou decisões.

⁴⁵ O Programa, lançado em 25 de maio de 2004, foi elaborado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos (Ministério da Justiça), o Ministério da Saúde, o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e entidades civis de defesa de direitos homossexuais (duas entidades nacionais, 16 estaduais e 37 lideranças). Segundo avaliação de lideranças entrevistadas, o programa é uma importante conquista simbólica, mas o movimento homossexual prevê que será necessário desenvolver ações de “controle social e mobilização” para que as metas previstas sejam efetivamente implementadas pelo governo.

Quando observamos as respostas sobre o projeto de parceria ou união civil, verificamos também um baixo grau de informação. Uma proporção alta de entrevistados respondeu não conhecer o projeto de lei de “parceria civil” de autoria de Marta Suplicy⁴⁶ (35.9%). Além desses, 15.4% afirmaram que ouviram falar, mas não conheciam suficientemente o assunto para opinar. Apenas 45.9% dos entrevistados responderam que concordavam com o projeto, contra 2.1% que discordavam. (GRÁFICO 34)

GRÁFICO 34 | Opinião sobre o Projeto de Parceria Civil - Parada Rio 2004



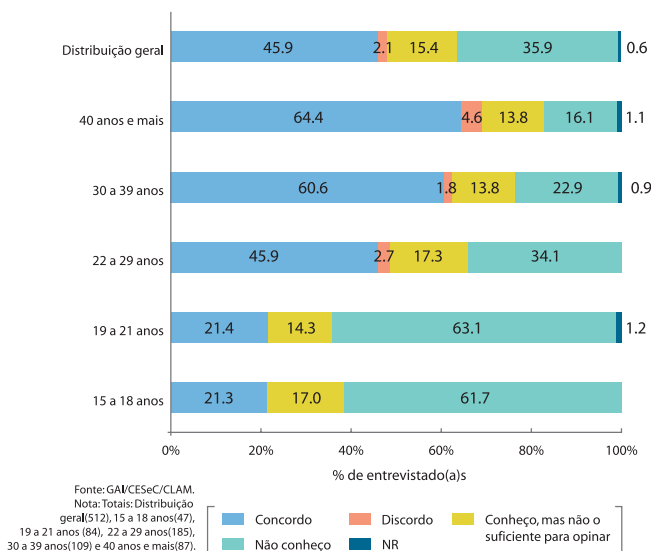
Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 512 entrevistado(a)s.

Considerando que o “tema” da Parada Rio 2004 foi “União Civil Já!”, a mobilização de nossa amostra acerca do assunto deve ser considerada abaixo da esperada. A desinformação (“não conheço”) e a hesitação (“não conheço suficientemente para opinar”) sobre o projeto, verificadas em mais da metade do conjunto dos entrevistados (51.3%), entretanto, concentram-se marcadamente nas faixas mais jovens e menos escolarizadas dos entrevistados.

O desconhecimento chega a 61.7% entre os que têm de 15 a 18 anos e a 63.1% entre os que estão com 19 a 21 anos, em contraste com a última faixa, dos que têm mais de 40 anos, onde apenas 16% afirmaram não conhecer o projeto. (GRÁFICO 35)

⁴⁶ Na pesquisa da Parada Rio de 2003, a legislação sobre parceria ou união civil foi a mais lembrada entre os entrevistados que se referiram a alguma lei (27,7%) Na mesma pesquisa, Marta Suplicy foi o nome distintamente mais citado, quando os entrevistados responderam se conheciam políticos que apoiavam direitos de homossexuais.

GRÁFICO 35 | Opinião sobre o Projeto de Parceria Civil por faixa etária
Parada Rio 2004

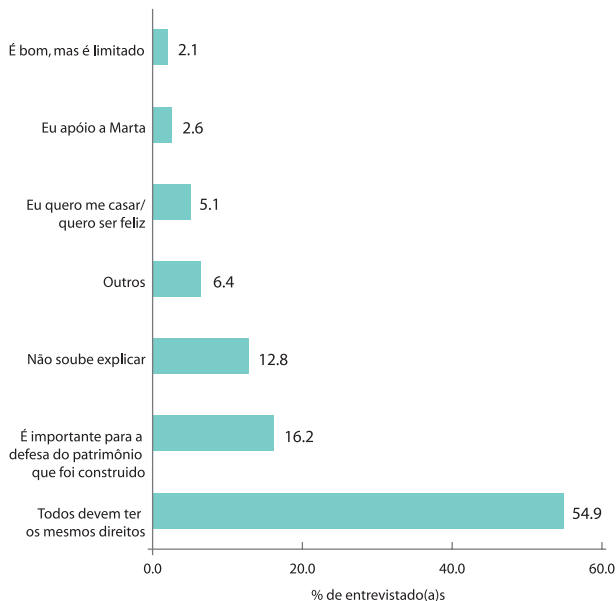


Grau de instrução também é um importante fator explicativo para compreender a distribuição de informação e opinião sobre o projeto de lei de união civil. Tomando as faixas de menor escolaridade, apenas 25% dos que têm ensino fundamental (completo e incompleto) declararam conhecer e concordar com o projeto. Porém, conhecimento e apoio vão crescendo consistentemente à proporção que aumenta a faixa de escolaridade, atingindo 71.9% entre os que têm mestrado e doutorado.

É certo que o reconhecimento das uniões ou parcerias entre pessoas do mesmo sexo viria beneficiar um número importante de relações estáveis e talvez, por isso mesmo, a expressiva maioria dos entrevistados mais velhos apóie o projeto de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, em discussão no Congresso. A relação entre apoio ao projeto e grau de instrução pode ser resultante do interesse, entre os segmentos com maior renda, em legalizar e formalizar situações relativas a bens nas uniões homossexuais.

De fato, entre os 45% que conheciam o projeto e concordavam com ele, a razão mais comumente alegada para o apoio relaciona-se ao princípio de que todos têm os mesmos direitos (54.9%), seguido de preocupações quanto à defesa de um patrimônio construído conjuntamente (16.2%). (GRÁFICO 36)

GRÁFICO 36 | Motivo de concordância com o Projeto de Parceria Civil Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 235 entrevistado(a)s.

Os resultados desta seção apontam para um quadro que deve ser objeto de novas investigações e de preocupação por parte das lideranças e da militância do movimento homossexual. Chama a atenção o fato de que uma população onde predomina um grau expressivo de cultura participativa permaneça com um baixo grau de conhecimento acerca de políticas governamentais e iniciativas legislativas que beneficiem homossexuais,⁴⁷ especialmente quando focalizados os mais jovens e os menos escolarizados.

⁴⁷ Para um balanço da legislação e da jurisprudência brasileiras no campo dos direitos sexuais, ver VIANNA, Adriana e LACERDA, Paula. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e diagnóstico*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

7. DISCRIMINAÇÃO, VIOLÊNCIA E VITIMIZAÇÃO

Até a realização da primeira pesquisa na Parada do Orgulho GLBT Rio (2003), os conhecimentos sobre vitimização de homossexuais no Brasil eram baseados em duas fontes: levantamentos de notícias sobre violências contra homossexuais publicadas em jornais brasileiros⁴⁸ (baseadas em informações policiais) e dados gerados pelas denúncias de vítimas dirigidas a programas e a serviços de atendimento à violência contra homossexuais.⁴⁹ Com a seção de perguntas sobre experiências de discriminações e agressões nas pesquisas realizadas nas paradas, inicia-se uma outra tradição, a das pesquisas de vitimização, onde a base de informação não é o registro da vítima, mas toda a população entrevistada. A metodologia das pesquisas de vitimização permite, em primeiro lugar, mensurar as diversas modalidades de agressão (e não só aquelas muito graves, como homicídios, que constituem violências de notificação compulsória). Em segundo lugar, possibilita visualizar a distância entre a vitimização e a denúncia e verificar, ao longo de uma série histórica, se essa distância está diminuindo. Os dados obtidos neste tipo de pesquisa permitem subsidiar políticas públicas focalizadas na prevenção de agressões específicas e na elaboração de campanhas contra a homofobia por parte dos grupos de pressão.

⁴⁸ Arquivos de recortes de imprensa, recolhidos pelo Grupo Gay da Bahia, geraram dossiês e livros, entre eles *Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 1999* (2000); *Assassinato de homossexuais: Manual de Coleta de Informações, Sistematização e Mobilização Política contra Crimes Homofóbicos* (2000); *Causa Mortis: Homofobia* (2001); *O Crime Anti-Homossexual no Brasil* (2002), organizados por MOTT, Luiz e alli, Editora Grupo Gay da Bahia.

⁴⁹ Entre eles, o Disque Defesa Homossexual (DDH), criado no Rio de Janeiro em 1999. Veja: RAMOS, Sílvia. *Disque Defesa Homossexual: Narrativas da violência na primeira pessoa*. Comunicações do ISER, n. 56, ano 20, 2001.

Na pesquisa da Parada de 2004, abrimos uma seção especial sobre “discriminação”, considerando que em 2003 um número muito alto de entrevistados (58.5%) disse ter sido vítima dessa forma de violência motivada pela orientação sexual. Apoiados nas respostas abertas dadas sobre que tipos de experiências consistiam as discriminações, perguntamos, em 2004, se o entrevistado já tinha sido vítima, devido sua orientação sexual, de alguma de sete situações diferentes de discriminação: 1. ter sido demitido ou ter sido preterido em vaga no emprego; 2. ter recebido tratamento diferenciado ou ter sido impedido de entrar em locais de comércio ou lazer; 3. ter sido mal atendido em serviços de saúde ou por profissionais de saúde; 4. ter sido marginalizado por professores ou colegas na escola/faculdade; 5. ter sido excluído ou marginalizado no grupo de amigos ou vizinhos; 6. ter sido excluído ou marginalizado em ambiente familiar; 7. ter sido excluído ou marginalizado em ambiente religioso.

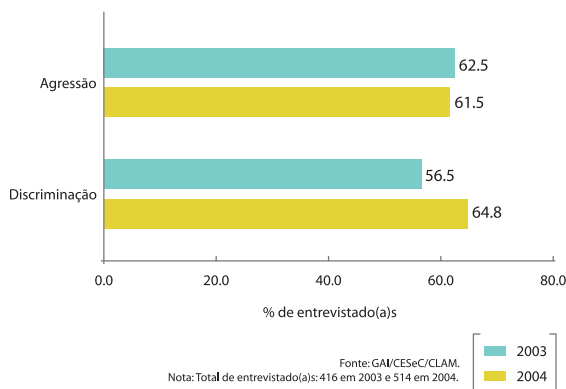
Uma primeira constatação surpreendente foi a confirmação de que um número muito alto de entrevistados, e muito próximo ao resultado anterior, já havia sido vítima de algum tipo das sete modalidades de discriminação: **64.8%**. O fato de mais de 60% do(a)s homossexuais, bissexuais e transgêneros que freqüentam a Parada – mesmo respondendo a uma pergunta formulada de maneira diferente em relação à do ano anterior – ter afirmado já haver sofrido alguma forma de discriminação confirma cabalmente a incidência anterior, de quase 60%, e oferece um indicador possivelmente muito próximo à experiência de discriminação dessa população e, talvez, um patamar realista de estimativa de vitimização da população GLBT como um todo. Os resultados confirmam uma alta incidência de discriminação e produzem uma base bastante segura de trabalho para o combate à homofobia, além de oferecerem indicações desagregadas por modalidades de discriminação, e não mais apenas a indicação genérica “discriminações”. Como veremos adiante, a incidência destas diferentes modalidades sofre influências de variáveis etárias, de cor e de orientação sexual.

Também com os dados sobre agressões, verificamos uma surpreendente reiteração dos resultados do ano anterior. Desta vez, foram desagregadas cinco formas de agressão: 1. agressão física; 2. agressão verbal ou ameaça de agressão; 3. Boa Noite Cinderela; 4. violência sexual; 5. chantagem ou extorsão. Contabilizados todos aqueles que alguma vez sofreram pelo menos alguma das agressões, verificamos que **61.5%** dos entrevistados foram vítimas de violências motivadas pela orientação sexual. Este dado confirma de forma

muito aproximada os resultados da pesquisa de 2003, quando 62.5% afirmaram já terem sofrido alguma das cinco agressões. As diferentes formas de agressão, como mostraremos adiante – mais ainda que as discriminações – são fortemente moduladas por variáveis de orientação sexual, idade, cor e sexo.

De modo geral, a alta incidência de experiências de discriminações e de violências motivadas pela orientação sexual assevera a impressão de que a homofobia se reproduz de múltiplas formas – algumas mais sutis, outras mais abertas ou violentas – e em proporções muito significativas na nossa sociedade. (GRÁFICO 37)

GRÁFICO 37 | Incidência de discriminação e de agressão
(pelo menos uma experiência) - Parada Rio 2003-2004



DISCRIMINAÇÃO E SUAS MODALIDADES

Na pesquisa de 2003, perguntamos aos participantes quais eram as discriminações sofridas. Obtivemos, em resposta aberta, um conjunto de situações associadas, lugares e pessoas bastante diversas. Formulamos, em 2004, sete situações de discriminação, procurando compreender as dinâmicas e incidências em ambientes distintos de sociabilidade.

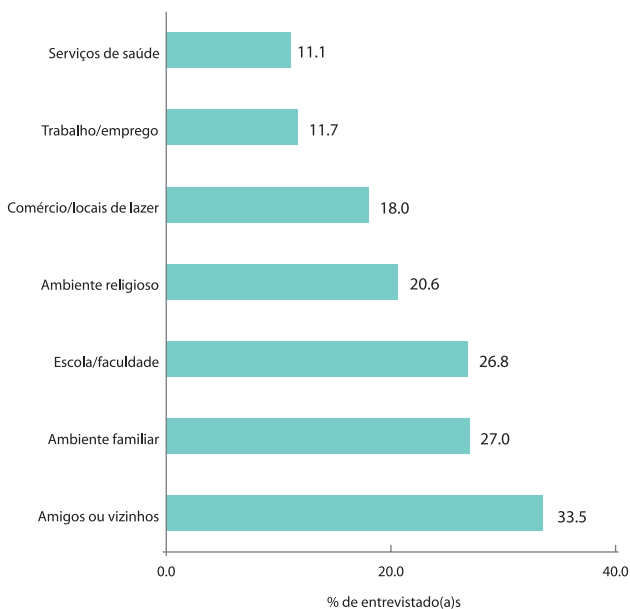
Surpreendentemente, o campeão foi o círculo de amigos e vizinhos (33.5%), seguido do ambiente familiar (27%). A discriminação nas escolas e universidades, por parte de professores e colegas vem logo em seguida,

com uma incidência de 26.8%. Os ambientes religiosos (20.6%) e de lazer (18%) vêm num segundo bloco, seguidos finalmente pelas discriminações no ambiente de trabalho e emprego (11.7%) e no atendimento na área de saúde (11.1%).

Espaços onde a homossexualidade é mais freqüentemente assumida, os círculos mais íntimos são por excelência o contexto social em que as discriminações são mais experimentadas. Uma hipótese para compreender essa aparente inversão (mais discriminação em círculos mais próximos e relativamente menos discriminação nos mais distantes) é a de que, em situações de intimidade, certos comportamentos e atitudes, mesmo que sutis, têm mais chance de serem percebidos por suas vítimas como preconceituosas ou discriminatórias. Caso essa hipótese esteja correta, a incidência de discriminação nos círculos mais distantes (emprego, lazer, saúde) não seria necessariamente menor, apenas mais difícil de ser percebida.

É importante chamar a atenção também para a forma como as perguntas foram fraseadas, evitando, em cada caso, a expressão "ter sido discriminado"; substituindo-a por "ter sido demitido"; "ter sido impedido de entrar"; "ter sido mal atendido"; "ter sido marginalizado"; "ter sido excluído" etc. O objetivo desta seção foi exatamente precisar os tipos de experiências da vida real que correspondem à noção – simbólica e socialmente compartilhada pela comunidade homossexual – de "discriminação". Desta forma também, procuramos evitar superdimensionar os índices de discriminação, fazendo com que a resposta correspondesse a uma situação bem específica e não apenas a um sentimento remoto. (Gráfico 38)

GRÁFICO 38 | Contexto ou local de discriminação (múltiplas respostas)
Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Totais entre 503 e 507 entrevistado(a)s.

DISCRIMINAÇÃO NO AMBIENTE FAMILIAR E DE AMIZADES: A VITIMIZAÇÃO FEMININA

Uma das características comuns às experiências de discriminação no grupo de amigos e vizinhos (33.5%) e na família (27%) é a sua distribuição em relação à orientação sexual das vítimas. Mulheres homossexuais e transgêneros relatam incidência maior do que a média. No caso de discriminações entre amigos e vizinhos, há o elevadíssimo percentual de vitimização de 39.5% entre mulheres homossexuais. O(a)s transgêneros foram vítimas em 37.5% dos casos. Dinâmica semelhante verifica-se nas discriminações no ambiente familiar: 29.3% entre mulheres homossexuais e 27.3% entre travestis e transexuais, estando os dois grupos um pouco acima da média geral da população homossexual entrevistada. O(a)s

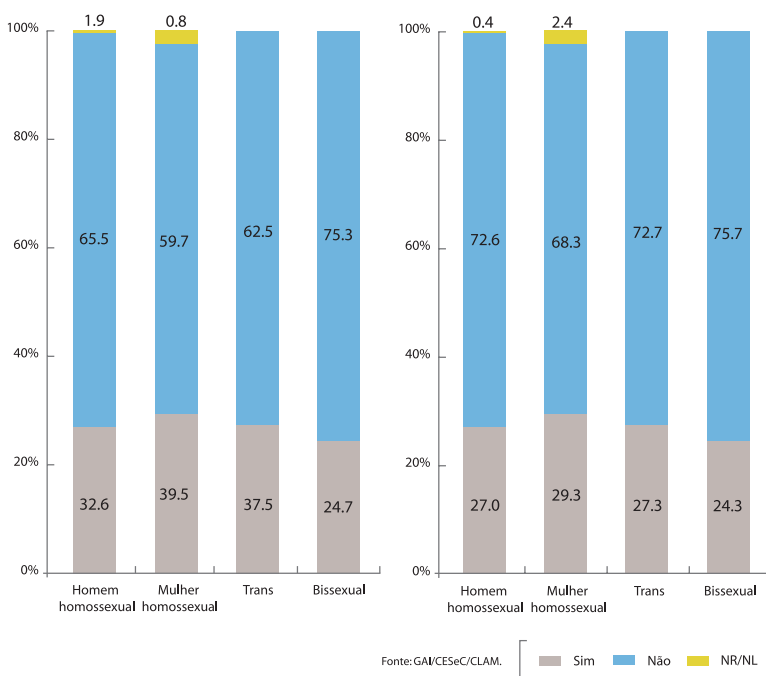
bissexuais são comparativamente os menos afetado(a)s por essas experiências, como aliás ocorre em todas as demais modalidades de discriminação. A maior incidência da experiência de ser marginalizado ou excluído, tanto no ambiente familiar como no círculo de amigos e vizinhos, por parte dos dois grupos mais afetados, possivelmente corresponde a dinâmicas diferentes e complementares.

Travestis e transexuais são as vítimas preferenciais em todas as modalidades de discriminação e a razão está evidentemente relacionada à grande visibilidade da orientação sexual nesse grupo, associada aos estereótipos negativos que recaem sobre ele. Contudo, o fato de que, no caso das agressões no ambiente familiar, transgêneros estejam apenas 0.3% acima da média geral indica que a família é o espaço em que são menos discriminados, quando comparado a outros contextos, como emprego, lazer e religião. No caso das mulheres homossexuais, o fenômeno associa-se às dinâmicas mais silenciosas e interativas que predominam, em geral, na vitimização feminina. Nesse sentido, os resultados da pesquisa corroboram teses defendidas há muito pela militância lésbica: as mulheres homossexuais não são menos vítimas da homofobia do que os homens, mas as modalidades de vitimização têm menor visibilidade por ocorrerem predominantemente na esfera privada. (GRÁFICO 39)

GRÁFICO 39 | Modalidade de discriminação por identidade sexual agregada Parada Rio 2004

Excluído(a)s ou marginalizado(a)s por amigos ou vizinhos

Excluído(a)s ou marginalizado(a)s em ambiente familiar



A faixa etária também apresenta correlações importantes nas duas modalidades de discriminação: os jovens de 19 a 21 anos reportam discriminações na família em 33.3% dos casos e chegam a 38.6% nas experiências de discriminação entre amigos e vizinhos. As incidências vão caindo consistentemente conforme aumenta a idade, indicando que ser jovem aumenta os riscos de ser discriminado nos ambientes familiares e de amizades.

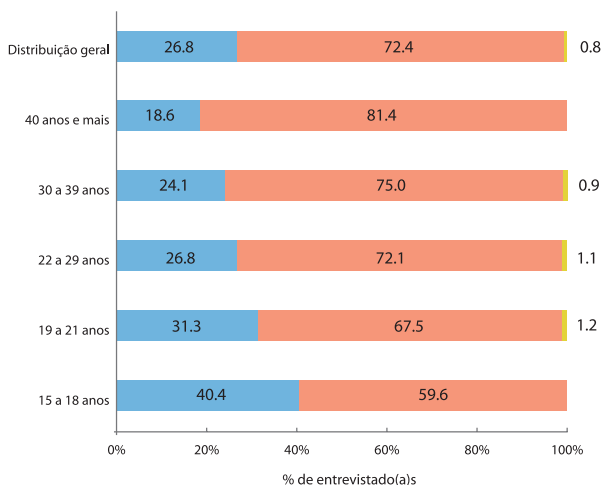
A distribuição da cor das vítimas apresenta uma configuração distinta: pretos e pardos são mais discriminados do que brancos entre amigos e vizinhos (36.5% de pretos, 36.5% de pardos contra 31.5% de brancos).

Quando as discriminações são na família, essas diferenças se invertem: 25% de pretos, 26.9% de pardos e 27% de brancos relataram experiências de marginalização e exclusão em ambiente familiar. Embora as diferenças percentuais sejam pequenas, é possível que tenhamos identificado aí uma dinâmica racial que se combina com uma dinâmica homofóbica: a cor negra comparece como uma variável que favorece a discriminação no ambiente dos amigos e vizinhos e, obviamente, não atua no ambiente familiar, onde é compartilhada.

DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA

Entre os entrevistados, 26.8% relataram ter sido marginalizados por professores ou colegas na escola ou faculdade. É importante ressaltar que esse percentual é muito alto, ficando próximo ao dos ambientes em que a discriminação é mais percebida – a família e as amizades. A discriminação na escola, contudo, assume dimensões de uma epidemia grave quando as vítimas são muito jovens. Nada menos que **40.4% dos adolescentes entre 15 e 18 anos** foram vítimas dessa experiência. Entre jovens de **19 e 21 anos**, 31.3% referiram-se a discriminações na escola ou na faculdade. Ainda que se mantendo em percentuais altos, a incidência decresce conforme aumenta a faixa etária: 27 a 29 anos: 26.8%; 30 a 39 anos: 24.1%; 40 anos e mais: 18.6%. De fato, os resultados são consistentes com o percentual de frequência à escola ou faculdade de nossa amostra: 84.2% dos que têm entre 15 e 18 anos; 57.1%, de 19 a 21 anos; 40.7%, entre 22 e 29 anos; 26,6% de 30 a 39 anos e 12.3% dos que se encontram com 40 anos e mais. Contudo, vale ressaltar que as respostas referem-se a qualquer experiência ocorrida no passado, não correspondendo exclusivamente aos entrevistados que freqüentam atualmente instituições de ensino. (GRÁFICO 40)

GRÁFICO 40 | Discriminação na escola/faculdade por faixa etária
Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.

Nota: Totais: Distribuição geral(503), 15 a 18 anos(47), 19 a 21 anos (83), 22 a 29 anos(179), 30 a 39 anos(108) e 40 anos e mais(86).

[Sim Não NR/NL]

Estudos recentes do UNESCO já haviam chamado a atenção para o grau surpreendentemente alto de idéias e imagens homofóbicas, bem como para a intolerância em relação à homossexualidade que predomina entre estudantes no ambiente escolar.⁵⁰ A incidência de vitimização entre jovens homossexuais, bissexuais e transgêneros que frequentam a escola, entretanto, nunca tinha sido medida até agora. O grau é tão alto que sugere a necessidade de perguntas em profundidade focalizando o assunto na próxima pesquisa da Parada.

⁵⁰ A pesquisa Juventudes e Sexualidade, lançada em março de 2004, foi realizada por pesquisadores da UNESCO em parceria com os ministérios da Educação e da Saúde, Coordenação de DST/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Instituto Ayrton Senna. Coordenada por Mary Garcia Castro, Miriam Abramovay e Lorena Bernadete da Silva, o estudo ouviu 16.422 estudantes de 10 a 24 anos, 4.532 pais e 3.099 professores de ensino fundamental e médio em 13 capitais (Belém, Cuiabá, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória) e no Distrito Federal. Entre os resultados relacionados à postura discriminatória dos jovens, chama a atenção o fato de cerca de um quarto dos alunos afirmar que não gostaria de ter um colega homossexual. Esse percentual varia de 45% em Vitória a 34% em Belém, para os meninos; e de 22% em Recife a 10% no Rio de Janeiro, para as meninas (veja <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/publicacoes/juventudessexualidade>).

A escola e a universidade caracterizam-se por serem supostamente espaços sociais de respeito e cooperação. A liderança de professores e autoridades pedagógicas deveria ser suficiente para conter manifestações de racismo, misoginia e homofobia e estimular um ambiente de valorização das diferenças. Não é o que está acontecendo. Se muito se avançou, nos últimos anos, em relação à valorização das diferenças raciais,⁵¹ é certo que quanto à homofobia os esforços nem mesmo começaram. Os resultados obtidos nesta pesquisa são suficientemente eloqüentes para que se perceba a urgência da tarefa.

Cor não é uma variável importante para discriminações na escola, sendo que negros, pardos e brancos apresentaram incidências muito próximas (26.6% para brancos; 26.9% para pretos e 28.9% para pardos). Entre as distintas orientações sexuais, observou-se que homens homossexuais são mais fortemente discriminados (33.1%) do que mulheres homossexuais (17.7%). O(a)s bissexuais situaram-se num patamar inferior (21.9%). A incidência relativamente baixa de travestis e transexuais discriminados na escola (25.8%) deve-se ao fato de que estes pouco freqüentaram escola ou faculdade (21.2%). Quando tomamos apenas transgêneros que estão cursando o ambiente escolar, verificamos que 3 dos 7 sofrem discriminação.

AMBIENTE RELIGIOSO, COMÉRCIO E LAZER

Um segundo bloco de incidência percentual, de aproximadamente um quinto da amostra, refere-se às experiências de discriminação em ambientes religiosos e em locais comerciais. Na esfera das religiões, 20.5% dos entrevistados revelaram já ter sido excluídos ou marginalizados. Em locais de comércio e lazer, discriminações foram relatadas por 18%. Em ambos os casos, travestis e transexuais são o grupo mais discriminado, chegando a

⁵¹ A este propósito, Venturi (2003), comentando os resultados da pesquisa *Discriminação racial e preconceito de cor no Brasil* afirma: "É exatamente nesse contingente (que hoje tem entre 16 a 24 anos) que o preconceito de cor é menor, quando analisamos suas manifestações de acordo com a faixa etária. Isso pode ser expressão de uma mudança efetiva de atitude entre os mais jovens, que seria fruto de uma combinação importante: a intervenção do movimento negro que, junto com o movimento de mulheres, conseguiu em 95 a revisão das diretrizes educacionais do MEC, que passaram a explicitar que os livros didáticos não poderiam trazer conteúdos preconceituosos, submetendo-os, desde então, ao crivo de analistas comprometidos." VENTURI, Gustavo e RECAMÁN, Marisol (coords). *Juventude, cultura e cidadania (Perfil de jovens das regiões metropolitanas do Brasil quanto à concepção de cultura e cidadania)*. Núcleo de Opinião Pública (NOP) da Fundação Perseu Abramo, 1999. [disponível em <http://www.fpa.org.br/nop>].

27.3% no ambiente religioso e à taxa de 36.4% (muito superior à média) em locais comerciais. Como se sabe, receber tratamento diferenciado e ser impedido de entrar em locais comerciais é uma constante na vida de homossexuais e muito particularmente de transgêneros.⁵²

Na esfera religiosa, os mais jovens também são vítimas em maior parcela de discriminações (25.3% entre os que têm de 19 a 21 anos e 23.8% entre os que têm entre 22 e 29 anos), sendo que os percentuais vão decrescendo na medida em que a idade aumenta. Uma tendência inversa ocorre em locais de comércio e lazer, com uma ligeira alta, ultrapassando a média para os que fazem parte da faixa etária mais alta – 40 anos ou mais – chegando a 19.8%.

Vale a pena salientar que, no caso das experiências religiosas, apenas 57% dos respondentes declararam freqüentar alguma religião; isso produz uma dinâmica bem diferente daquela dos espaços comerciais que, teoricamente, são freqüentados por todos. Cor e sexo não parecem ser variáveis importantes para explicar essas dinâmicas.

EMPREGO E SERVIÇOS DE SAÚDE

Por fim, o último contexto para as discriminações refere-se a experiências vividas por aproximadamente um décimo dos entrevistados: 11.7% relataram não terem sido selecionados ou terem sido demitidos do emprego e 11.1% disseram que foram mal atendidos em serviços de saúde ou por profissionais de saúde. Na distribuição dessas experiências, dois aspectos chamam a atenção. Em primeiro lugar, a incidência desproporcionalmente alta de travestis e transexuais discriminados no ambiente de trabalho e emprego (35.3%) e nos serviços de saúde (25%). De novo, o grupo que apresenta de modo proporcionalmente menor vitimização é o do(a) bissexuais, entre os quais apenas 2.7% relatam discriminação no emprego e 8.2%, na saúde. O segundo aspecto é a incidência proporcionalmente mais alta de auto-declarados pretos como vítimas de discriminação no emprego (17.3%, contra 9.4% de brancos e 11.9% de pardos) e também na área da saúde (13.5% de pretos contra 9.8% de brancos e 12.7% de pardos). Nos dois casos, embora as diferenças percentuais não

⁵² O deputado estadual pelo Rio de Janeiro, Carlos Minc, foi o autor de uma lei, em 2000, que criminaliza esse tipo de discriminação, a Lei 3406.

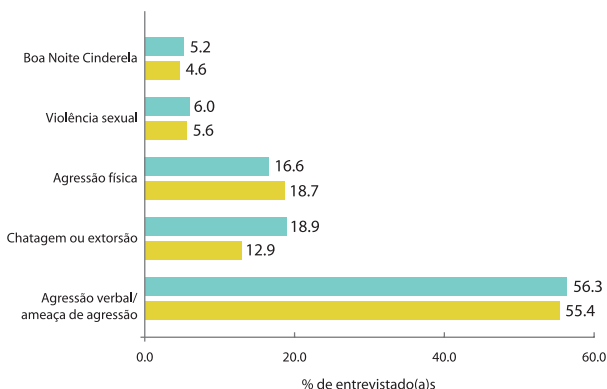
sejam muitíssimo altas, é possível supor que cor e orientação sexual se combinam para explicar incidência de discriminação na esfera do trabalho e também no atendimento de serviços de saúde.

Em que pese o fato de ser para profissionais de saúde que o menor número de respondentes declarou ter assumido sua orientação sexual, vale ressaltar e valorizar positivamente a informação de que, entre as sete modalidades de discriminação, as experiências de mau atendimento na área da saúde estejam em último lugar na escala. Ainda que a incidência não seja desprezível, uma hipótese para compreender o percentual baixo relativo aos outros âmbitos pesquisados é supor que a presença da militância homossexual, desde os anos 1980, na liderança de ações de prevenção de HIV e DST alterou favoravelmente um panorama que há duas décadas era intensamente estereotipado, estigmatizante e discriminatório. Hoje, muitos profissionais de saúde e dos serviços públicos incorporaram ao seu trabalho a presença da homossexualidade com maior naturalidade e respeito.

VIOLÊNCIA E SUAS MODALIDADES

Como sublinhado anteriormente, uma primeira surpresa da pesquisa de 2004 foi a confirmação de indicadores obtidos em 2003 quando o assunto é a violência experimentada por homossexuais, bissexuais e transgêneros. Os patamares de incidência (em 2003 e 2004) referentes a cada modalidade de violência permitem supor que os resultados são muito consistentes em relação à população que freqüenta a Parada e podem servir de base estimativa para compreender o que ocorre com a população homossexual do Rio de Janeiro como um todo. Uma característica comum às agressões de todas as naturezas é a ocorrência proporcionalmente menor sobre o grupo que se define como bissexual. Este resultado corrobora a percepção de que a homossexualidade e as suas expressões (mais visíveis entre transgêneros - principalmente travestis - e homens homossexuais e menos visíveis em bissexuais) são o motivo causador das agressões. (GRÁFICO 41)

GRÁFICO 41 | Modalidades de agressão por ano de realização da Parada
Parada Rio 2003-2004



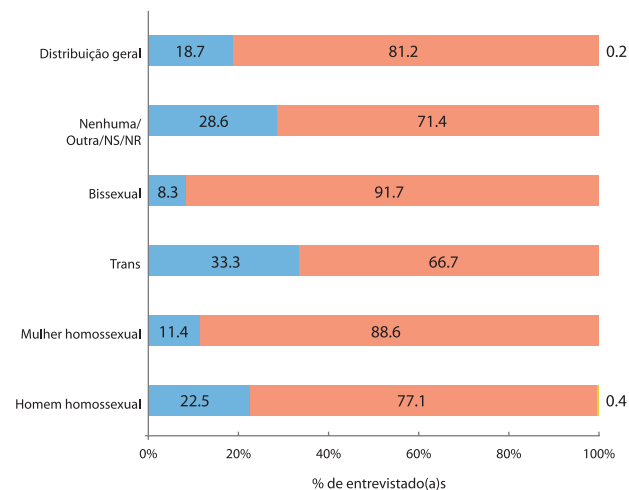
Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Totais: 403 entrevistado(a)s em 2003 e em 2004 entre 503 e 505 entrevistado(a)s.

[2003 2004]

AGRESSÕES FÍSICAS: HOMENS HOMOSSEXUAIS E TRANSGÊNEROS COMO VÍTIMAS PREFERENCIAIS

Entre os respondentes, 18,7% disseram ter sofrido agressões físicas devido sua orientação sexual. A distribuição dessa experiência, contudo, não é regular entre as diferentes identidades sexuais. Homens homossexuais (22,5%) e transgêneros (33,3%) são mais vítimas dessa agressão do que mulheres homossexuais (11,4%) e bissexuais (8,3%). De forma consistente, quando tomamos a distribuição por gênero, vemos que as mulheres relatam terem sido duas vezes menos vítimas de agressão física devido à sua orientação sexual do que os homens (23,1% dos homens contra 10,3% das mulheres). A distribuição etária apresenta um fenômeno importante que não deve ser desprezado: os mais velhos reportam com mais frequência esse tipo de violência do que os mais jovens (23,5% para os que têm 40 anos e mais, contra 12,8% para os adolescentes). (GRÁFICO 42)

GRÁFICO 42 | Agressão física por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais: Distribuição geral(504), homem homossexual(262), mulher homossexual(123), trans(33), bissexual(72) e nenhum/outra/NS/NR(14).

A distribuição de cor traz um formato curioso, com maior incidência de agressões físicas entre os pardos (20.6%) contra 13.5% de pretos e 17.9% de brancos. Os dados não são suficientes para asseverar que dinâmicas raciais e homofóbicas se combinam na produção dessas agressões, mas permitem situar um ponto de interrogação acerca dessas articulações.

É importante chamar a atenção para a incidência muito alta de agressões físicas entre a população homossexual. Tais agressões, lembremos, são só menos graves do que homicídios na escala de crimes contra a pessoa. Além disso, freqüentemente, este tipo de ataque são ameaças de agressão que se cumpriram e podem ser prenúncios de violências ainda mais graves, passíveis de levarem alguém à morte.

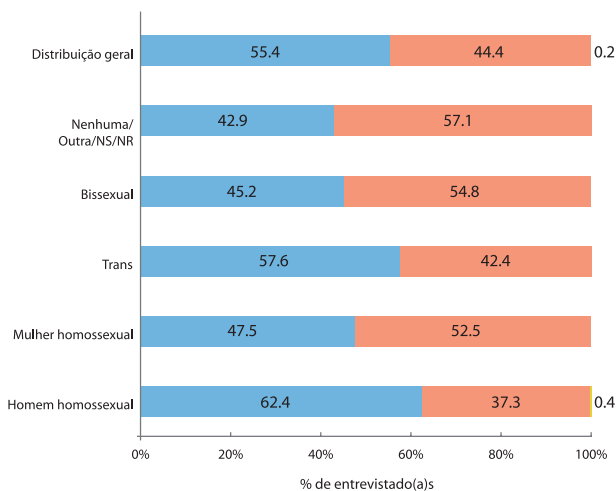
AGRESSÕES VERBAIS: A DISSEMINAÇÃO CULTURAL DA HOMOFOBIA

Agressões verbais ou ameaças de agressão são as violências que mais atingem a comunidade homossexual. Em termos gerais, apuramos uma

incidência de 55.4%, o que significa que mais da metade de todos os entrevistados já foram vítimas de xingamentos, humilhações verbais ou ameaças. O percentual é muito alto, especialmente em se tratando, no caso da Parada, de uma população predominantemente consciente de seus direitos e, quanto ao Rio de Janeiro, por ser cenário cosmopolita, urbano e sintonizado com os signos de modernidade. Aparentemente, as sanções sociais e legais para ofensas de natureza sexual não têm sido suficientemente fortes para impedirem a homofobia que se generaliza através da palavra. A cultura “politicamente correta”, que se aprofundou na última década em relação às ofensas raciais, ainda tem um longo caminho a percorrer quando se trata de respeitar e valorizar as diferenças sexuais. Curiosamente, e paradoxalmente, o nível alarmante de ofensas verbais convive com outro de extraordinária tolerância e valorização da homossexualidade quando a cidade acolhe e apóia paradas que reúnem centenas de milhares de gays, lésbicas e travestis.

O grupo mais afetado pelas violências verbais são os homens homossexuais (62.4%), seguidos do(a)s transgêneros (57.6%), das mulheres homossexuais (47.5%) e do(a)s bissexuais (45.2%). (GRÁFICO 43)

GRÁFICO 43 | Agressão verbal/ameaça de agressão por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais: Distribuição geral(505), homem homossexual(263), mulher homossexual(122), trans(33), bissexual(72) e nenhum/outra/NS/NR(14).

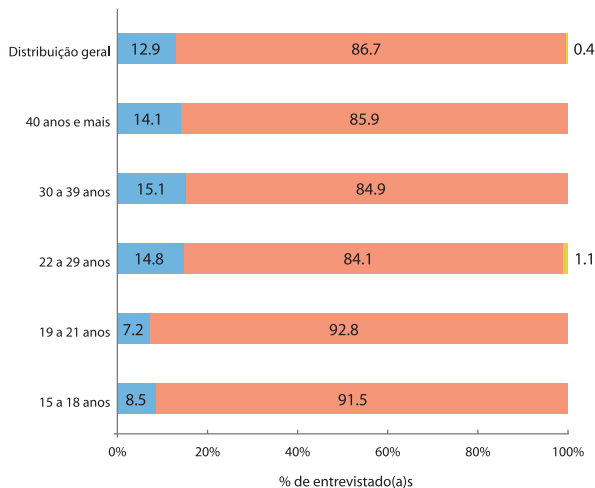


Quanto às idades, violências verbais apresentam uma incidência irregular, mas concentram-se na faixa de 19 a 21 anos (63.9%). A faixa com percentual comparativamente menor de vitimização é a dos 40 anos ou mais (50%). A distribuição por cor apresenta um fenômeno semelhante ao das agressões físicas: pardos relatam maior incidência, com 63.6%, contra 43.2% no caso dos pretos e 52.4% no caso dos brancos.

CHANTAGENS OU EXTORSÕES: OS CRIMES DE LUCRO

Entre os entrevistados, 12.9% relataram ter sido vítimas de chantagem ou extorsão motivada pela orientação sexual. Mas essa incidência é maior quando isolamos o grupo de homens homossexuais (14.1%), em contraste marcado com o(a)s bissexuais (5.6%). A idade é um fator importante na capacidade explicativa para a ocorrência do crime de chantagem ou extorsão. Homossexuais mais novos apresentam metade da incidência se comparados a homossexuais mais velhos: (8.5% entre 15 e 18 anos; 7.2% entre 19 e 21 anos, contra 14.1% para os que têm mais de 40 anos). Uma hipótese para compreender o número menor de extorsões entre os mais jovens é supor que as novas gerações de homossexuais estejam mais preparadas para enfrentar a ameaça de ter a sua sexualidade revelada. (GRÁFICO 44)

GRÁFICO 44 | Chantagem ou extorsão por faixa etária - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais: Distribuição geral(503), 15 a 18 anos(47), 19 a 21 anos (83), 22 a 29 anos(182), 30 a 39 anos(106) e 40 anos e mais(85).

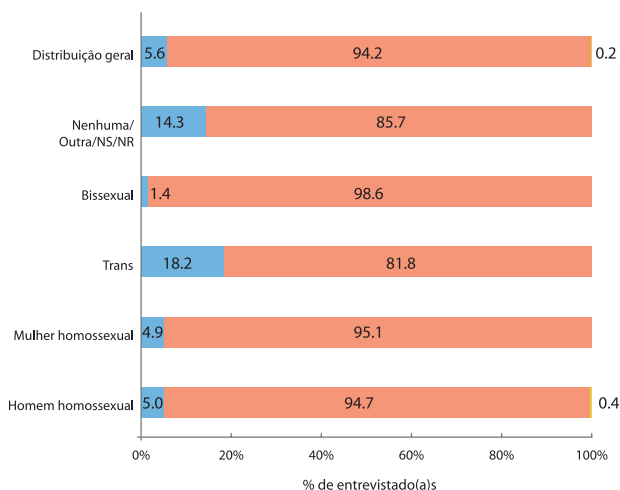
VIOLÊNCIA SEXUAL: HOMOSSEXUALIDADE E MASCULINIDADE

Dos entrevistados, 5,6% disseram ter sofrido violência sexual motivada pela orientação sexual. A incidência, contudo, ultrapassa o triplo para transgêneros (18,2%) e é bastante baixa para bissexuais (1,4%), indicando haver uma forte correlação entre expressão pública da orientação sexual – principalmente quando se trata de homens assumindo atributos do gênero feminino – e vitimização de violência sexual. Também encontramos marcante correlação entre cor e violência sexual, com os auto-identificados como pretos apresentando 11,8% de casos, contra 5,6% entre pardos e 4,8% entre brancos.

Embora estejamos trabalhando com números absolutos pequenos, os resultados podem dar uma pista importante para a compreensão das dinâmicas da violência sexual entre homossexuais, onde autores e vítimas são do sexo masculino. As distribuições por faixas de idade não apresentam correlações significativas. As informações sobre violência sexual para o conjunto da população brasileira são precárias e dificilmente permitem uma análise comparativa. Dados da Pesquisa UNICRI (*International Crime Victimization Survey*) de 1996, com uma amostra de 1.000 mulheres do Rio de Janeiro com 16 anos ou mais, apurou uma incidência de 8% de vítimas de violência sexual (*sexual assault*).⁵³ De fato, violência sexual é um fenômeno predominantemente circunscrito às relações de gênero, em que os autores, na maioria das vezes, são do sexo masculino e as vítimas são do sexo feminino. Essa é uma razão ainda maior para considerar que a incidência de 18,2% entre travestis e transexuais pareça muito alta. (GRÁFICO 45)

⁵³ Citado por MORRISSON, Andrew R. e ORLANDO, Maria Beatriz. In: The costs and impacts of gender based violence in developing countries: methodological consideration and new evidences. Documento do Banco Mundial, novembro de 2004 (mimeo).

GRÁFICO 45 | Violência sexual por identidade sexual agregada - Parada Rio 2004



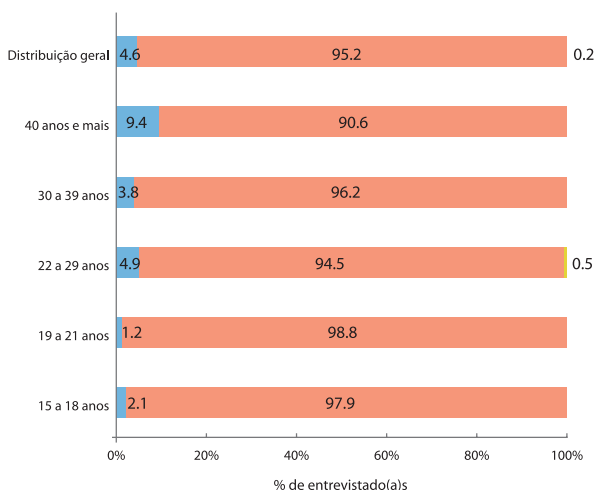
Fonte: GAJ/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais: Distribuição geral(594), homem homossexual(262), mulher homossexual(123), trans(33), bissexual(72) e nenhum/outra/NS/NR(14).

BOA NOITE CINDERELA

Entre os entrevistados, 4.6% foram vítimas do golpe “Boa Noite Cinderela”.⁵⁴ Homens homossexuais e transgêneros apresentam as maiores incidências (5.7% entre os primeiros e 6.3% entre os segundos). Bissexuais estão no outro extremo, com apenas um caso entre o(a)s bissexuais entrevistados (1.4%). A idade apresenta uma importante correlação com as agressões dessa natureza. Enquanto 9.4% entre os que têm 40 anos ou mais já foram vítimas de Boa Noite Cinderela, nos jovens, entre 19 a 21 anos, essa proporção é de apenas 1.2%. (GRÁFICO 46)

⁵⁴ O crime consiste na sedação da vítima com soníferos e outras substâncias narcóticas com o objetivo de roubar dinheiro e bens.

GRÁFICO 46 | Boa Noite Cinderela por faixa etária - Parada Rio 2004

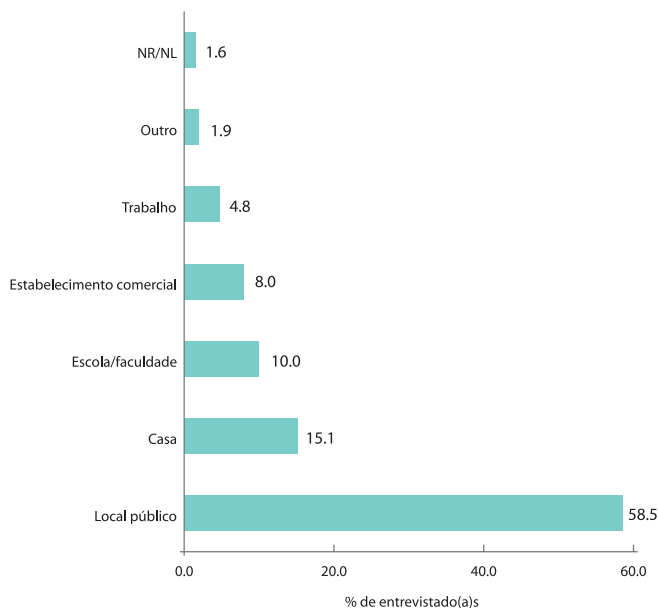


Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
 Nota: Totais: Distribuição geral(504), 15 a 18 anos(47), 19 a 21 anos (83), 22 a 29 anos(182), 30 a 39 anos(106) e 40 anos e mais(85). [Sim Não NR/NL]

LOCAIS DAS AGRESSÕES

Pedimos aos entrevistados que indicassem a agressão mais marcante, caso tivessem sido vítimas de mais de uma. Isolada uma única experiência de violência, perguntamos onde ocorreu tal agressão e quem foram os agressores. Locais públicos foram mais frequentemente citados como local das agressões: 58.5%. Em segundo lugar, aparece a casa: 15.1%. A escola ou a faculdade vem em terceiro lugar, com 10% dos casos. Em seguida, os estabelecimentos comerciais, com 8% e, por último, o trabalho, onde ocorreram 4.8% das agressões. (GRÁFICO 47)

GRÁFICO 47 | Local da agressão - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 311 entrevistado(a)s.

Chama a atenção na distribuição o fato de 29.7% das mulheres homossexuais terem identificado a casa como o local da agressão, de acordo com as observações anteriores, ou seja, a vitimização de mulheres homossexuais ocorre em um terço dos casos nos locais de moradia, indicando a forte presença de conflitos entre pessoas que se conhecem. Comparativamente, o grupo menos agredido em casa são os homens homossexuais, com 8.8%. O(a)s bissexuais também apresentam uma proporção alta de vitimização em casa, 24.2%. No espaço social onde todos os grupos foram mais agredidos – os locais públicos – os homens homossexuais têm uma incidência ainda maior (64.3%), indicando que a homossexualidade masculina é mais exposta a reações homofóbicas por parte de desconhecidos ou em ambientes públicos. O(a)s bissexuais são, comparativamente, o grupo menos agredido na rua, com 42.4% dos casos.

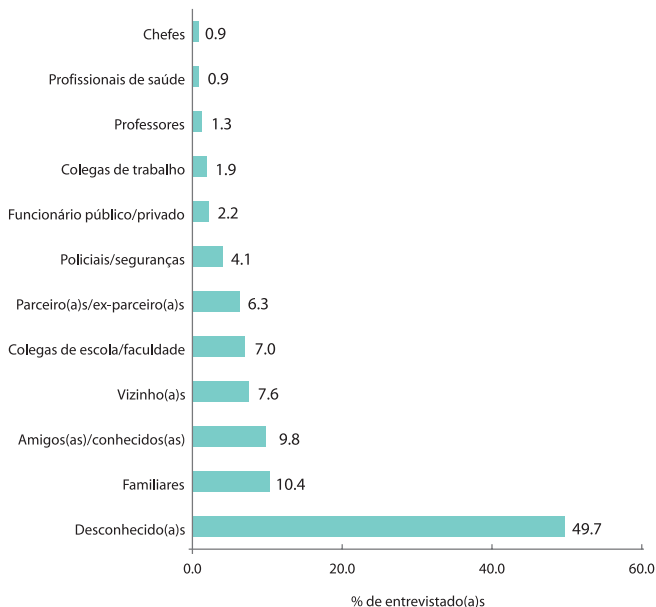
Confirmando as indicações dos dados de discriminação, quando observamos as faixas etárias para os casos de agressão, os grupos mais jovens são mais agredidos na escola e em casa. Em casa, os adolescentes de 15 a 18 anos em 22.2% dos casos, e os jovens de 19 a 21 anos, com 16.7%. Na escola, ocorre a mesma dinâmica: os adolescentes com 18.5% dos casos e os jovens de 19 a 21 com 16.7%. Estes dados são muito importantes, pois confirmam que as agressões seguem padrões muito parecidos com as discriminações no que diz respeito aos espaços de sociabilidade. Em outras palavras, as dinâmicas, atores e situações que produzem as violências mais graves (agressões físicas, agressões verbais, chantagens etc.) são coincidentes com as dinâmicas que produzem as discriminações, isto é, as situações mais sutis de marginalização, exclusão, mau atendimento, tratamento diferenciado etc.

Os fatos nos permitem concluir que, possivelmente, situações de discriminação, em alguns casos, antecedem violências físicas. Nesse sentido, o conhecimento sobre a discriminação pode ser usado como um elemento auxiliar de prevenção contra violências graves, seja na esfera da casa, seja em locais públicos, na escola ou no trabalho. Da mesma forma, os grupos de militantes homossexuais podem indicar, em campanhas de prevenção junto à comunidade homossexual, que situações mais sutis de discriminação, se não forem contidas, mediadas ou punidas, são candidatas a se tornarem, no futuro, situações de violência.

AUTORES DAS AGRESSÕES

Quando observamos os autores das agressões, encontramos indicações preciosas sobre relações que até aqui estavam encobertas. Podemos conhecer de perto os atores envolvidos nas agressões privadas e nas públicas. (GRÁFICO 48)

GRÁFICO 48 | Agressores (respostas múltiplas) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total de 316 entrevistado(a)s.

Entre as mulheres homossexuais, chama a atenção a freqüência de agressões provocadas por pessoas próximas: familiares, em 20.3% dos casos, havendo aí a cifra expressiva de 9.4% de agressores que eram parceiros ou ex-parceiros. Entre o(a)s bissexuais, a agressão em relações amorosas ou conjugais também é alta (9.1%). Parceiros e ex-parceiros são 5.5% dos autores de agressões contra homens homossexuais e 3.7% no caso dos transgêneros. A presença importante de conflitos amorosos e conjugais no interior das agressões em espaços privados inspira a necessi-

dade de investigação mais aprofundada sobre esse tema, tão presente entre os grupos de militância lésbica e raramente objeto de debate público na comunidade homossexual como um todo.

Quando observamos os círculos próximos, mas fora da casa, é possível perceber o peso de amigos/conhecidos e de vizinhos. Eles são respectivamente 11% e 6.6% dos autores de agressões contra homens homossexuais e 9.4% contra mulheres homossexuais. No caso do(a)s transgêneros, amigos e conhecidos são os autores da agressão em 11.1% dos casos e os vizinhos, em 7.4%. Observamos, assim, que as relações de vizinhança, no caso da orientação sexual, têm um peso não desprezível em conflitos que resultam em agressões.

Os autores das agressões nas escolas e nas faculdades podem ser colegas ou professores. O peso dos colegas, contudo, é muito maior. Observando os adolescentes de 15 a 18 anos, verificamos que, entre todos os autores de agressão, 14.8% foram colegas e 3.7% professores. Na faixa dos 19 a 21, os colegas foram os agressores em 11.1% dos casos e os professores em apenas 1.9%.

Policiais ou seguranças foram os agressores em 6% dos casos de violência contra homens homossexuais e em 3.7% no caso de transgêneros.

Em todos os grupos, os agressores desconhecidos foram maioria, em faixas que variam de 40% a 50%.

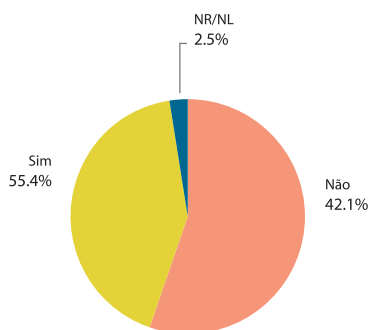
ABUNDANTES VIOLÊNCIAS, ESCASSAS DENÚNCIAS

Surpreende o número de vezes em que as agressões julgadas como as mais graves pelos entrevistados não foram comunicadas para ninguém: 42.1%. Quando observamos os relatos levados à delegacia de polícia ou ao 190, encontramos a cifra de 9.8%. O Disque Defesa Homossexual (DDH) só foi acionado em 1.6% dos casos. As ONGs e os grupos gays também foram contatados na mesma proporção, ou seja, em 1.6% das vezes. A imprensa recebeu uma única denúncia, o mesmo ocorrendo com o Disque Denúncia. Familiares foram avisados em apenas 15.5% dos casos e os amigos em 39.5%.

O(a)s transgêneros são o grupo que mais relatou as agressões para a polícia: 15.4%. Isso pode ser devido ao fato de ele(a)s serem mais vítimas de violências graves, como as agressões físicas. Mas também é possível supor que transgêneros, por expressarem mais publicamente sua orientação sexual, tenham menor constrangimento em relatar agressões.

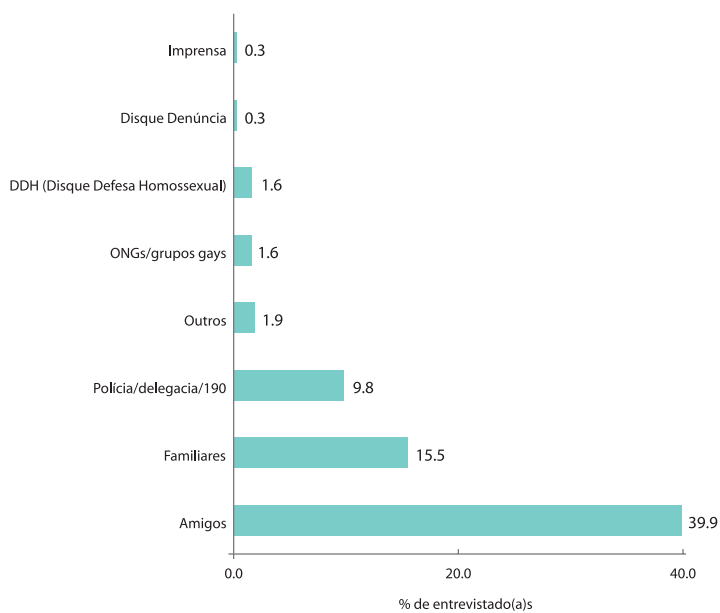
A baixa capacidade de denúncia dos entrevistados de perfil mais claramente engajado reflete, provavelmente, uma capacidade ainda menor de assim agir da população homossexual como um todo e pode dar uma noção da dimensão extraordinariamente grande de vítimas da homofobia que jamais denunciaram as agressões sofridas. Estes resultados, coincidentes com os que foram aferidos pela pesquisa de 2003, indicam que muito precisa ser feito pela militância homossexual e pelos governos para que a violência contra homossexuais passe a ser objeto de denúncia e punição. (GRÁFICOS 49 E 50)

GRÁFICO 49 | Relato da agressão - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM
Nota: Total de 316 entrevistado(a)s.

GRÁFICO 50 Para quem relatou a agressão (respostas múltiplas) - Parada Rio 2004



Fonte: GAI/CESeC/CLAM.
Nota: Total 316 entrevistado(a)s agredido(a)s.

8. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Os resultados da pesquisa Política, Direitos, Violência e Homossexualidade, realizada em 2004, não apenas confirmam muitos dos principais achados da pesquisa anterior, mas trazem também novos dados para a reflexão acadêmica e para atuação política. Como em toda pesquisa desse tipo, diferentes conclusões poderiam ser destacadas e aqui ressaltamos apenas o que nos parece essencial.

Em relação ao comparecimento à Parada e ao perfil dos manifestantes, talvez o dado mais interessante seja o peso crescente da presença de homens e mulheres que, embora se identifiquem como “heterossexuais”, procuram expressar de algum modo seu apoio à luta pelos direitos civis de gays, lésbicas e transgêneros brasileiros. Parece-nos fundamental que futuras pesquisas de cunho qualitativo possam revelar mais claramente qual o significado de tal apoio e quais são os processos que transformam o desrespeito aos direitos fundamentais de uma parcela da população em um problema que interessa imediatamente a todos.

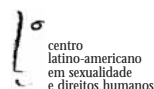
De qualquer modo, a Parada continua a agregar majoritariamente pessoas que incorporam alguma das identidades sócio-sexuais que vêm historicamente sendo consideradas pertinentes ao campo da(s) homossexualidade(s). O interessante aqui é perceber como a incorporação de uma ou de outra forma de expressar uma identificação subjetiva (dizer-se “lésbica” ou “entendida”; “gay” ou “homossexual”) articula-se não somente a certas características sociais dos sujeitos entrevistados (como escolaridade, por exemplo), mas também implica a tomada de determinadas posições políti-

cas em relação a diferentes questões. Nesse sentido, um dos achados mais interessantes de 2004 diz respeito ao modo como, em marcado contraste com o(a)s “entendido(a)s”, os homens e mulheres entrevistadas que se dizem “gays” ou “lésbicas” revelam participação política mais intensa em diferentes movimentos sociais e uma adesão mais consistente à luta pelos direitos civis.

Em relação aos temas da família, conjugalidade e parentalidade, nossos dados contribuem para abrir uma pequena janela através da qual podemos ter uma visão um pouco mais nítida da vida cotidiana de milhões de gays, lésbicas e transgêneros brasileiros. Contrariando o senso comum, o número de relações estáveis que encontramos é significativo, assim como o número de filhos que essas relações comportam. Caso os dados obtidos no Rio de Janeiro pudessem ser generalizados para o Brasil e estimando (conservadoramente) em 2.5% a presença de gays, lésbicas e transgêneros na população brasileira, teríamos hoje no país algo em torno de dois milhões de homens e de mulheres cujos direitos fundamentais não são respeitados, uma vez que suas relações afetivas estáveis (namoros e casamentos) não são legalmente protegidas. Assim, é urgente que nos próximos anos, pesquisas como esta possam ser realizadas em outras cidades e regiões do país para que possamos generalizar com mais critério e obter um retrato mais preciso dessa situação.

Além do não-reconhecimento e do silêncio, a marginalização de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil reveste-se de formas mais concretas e cruéis. É isso que os nossos dados sobre discriminações e agressões indicam. Confirmando os resultados de 2003, as cifras encontradas em 2004 desenharam o perfil de uma população que, em sua grande maioria, revela já ter experimentado discriminações e agressões diversas exclusivamente por manifestar uma orientação sexual diferente da que é socialmente dominante. Assim, os números que aqui apresentamos apenas transcrevem em sua linguagem um pouco canhestra o fato de que, no Brasil, ser vítima de violência (física ou simbólica) continua a ser dimensão constitutiva da trajetória e da identidade de gays, lésbicas e transgêneros. Viver em um mundo em que a hostilidade e a intolerância marcam tanto os espaços públicos, quanto os espaços privados, continua sendo a experiência comum. Esperamos que a continuidade dessa pesquisa, construída no nem sempre pacífico espaço aberto pelo diálogo entre a pesquisa e a militância, possa contribuir para reverter tal quadro.

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO



PESQUISA POLÍTICA, DIREITOS, VIOLÊNCIA E HOMOSSEXUALIDADE

9ª PARADA DO ORGULHO RIO 2004

nº Quest. | | | |

O Grupo Arco Íris, a UERJ e a Candido Mendes estão realizando uma pesquisa para conhecer as opiniões e as experiências dos participantes da Parada sobre Políticas, Direitos e Sexualidade. O questionário é anônimo e as informações irão contribuir para ampliar o conhecimento sobre a comunidade GLBT.

| Nº Entrevistador(a) | | |

| Nº Supervisor(a) | | |

| 00. VOCÊ RESPONDEU ESSA PESQUISA ANO PASSADO?

1 sim

2 não

3 não lembro

99 NR

| 01. VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA PARADA DO ORGULHO GAY, ANTES DESTA?

1 sim

2 não

3 NL/NR

I 02. VOCÊ VEIO À PARADA POR QUÊ? [*marcar apenas uma*]

- 1 por curiosidade/diversão
- 2 para que os homossexuais tenham mais direitos
- 3 por solidariedade com amigos(as)/parentes homossexuais
- 4 para paquerar
- 5 outra: _____
- 99 NR

I 03. COM RELAÇÃO A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, COM QUAL DESSAS CATEGORIAS VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA? [*marcar apenas uma*]

- 1 gay
- 2 lésbica
- 3 travesti
- 4 transexual
- 5 bissexual
- 6 entendido(a)
- 7 homossexual
- 8 heterossexual _ *vá para a pergunta 26*
- 9 outra: _____
- 10 nenhuma
- 99 NS/NR

BLOCO I - CONJUGALIDADE/PARENTALIDADE

Agora vou fazer algumas perguntas sobre seus relacionamentos afetivos e familiares

I 04. ATUALMENTE, VOCÊ ESTÁ:

- 1 sozinho(a) _ *vá para a pergunta 06*
- 2 casado(a)
- 3 namorando
- 4 ficando
- 5 outro: _____
- 99 NS/NR

I 05. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊS ESTÃO JUNTOS?

- 1 menos de 1 ano
2 de 1 a 3 anos
3 de 4 a 5 anos
4 de 6 a 10 anos
5 mais de 10 anos
99 NS/NR

I 06. EM RELAÇÃO AO SEU ÚLTIMO(A) OU ATUAL NAMORADO(A) OU PARCEIRO(A), ONDE VOCÊS SE CONHECERAM? *[espere a resposta]*

- 1 bar, boates, festas gays
2 casa de amigos
3 em grupo religioso
4 local de estudo/ trabalho
5 em locais de pegação (saunas, banheiros, salas de vídeos, sex shops)
6 em locais públicos (rua, shoppings, praças, parques, praia)
7 na Internet/Tele-amigo
8 outra? Qual _____
99 NS/NR

I 07. ATUALMENTE VOCÊ RESIDE:

- 1 sozinho(a)
2 companheiro(a)/parceiro(a)
3 amigo(a)(s)
4 familiares
5 outro: _____
99 NS/NR

I 08. EM RELAÇÃO AOS SEUS(SUAS) PARCEIROS(AS), VOCÊ PREFERE QUE ELES(ELAS) SEJAM:

- 1 mais novos que você
2 mais velhos
3 mesma faixa etária
4 indiferente
1 mais instruídos que você
2 menos instruídos
3 mesmo nível de instrução
4 indiferente
99 NS/NR
99 NS/NR

1 mais ricos que você

1 mais masculinos que você

2 mais pobres

2 mais femininos

3 mesma faixa de renda

3 assim como você

4 indiferente

4 indiferente

99 NS/NR

99 NS/NR

1 mais escuros que você

2 mais claros

3 mesma cor/raça

4 indiferente

99 NS/NR

I 09. VOCÊ TEM FILHOS? [pode marcar mais de uma]

1 sim, de um relacionamento heterossexual anterior

2 sim, de uma relação sexual eventual(produção independente)

3 sim, adotei legalmente

4 sim, peguei para criar (adoção informal)

5 sim, meu/minha parceiro/a tem filhos que considero como meus

6 sim, outro modo. Qual? _____

7 não

99 NS/NR

I 10. SOBRE HOMOSSEXUAIS TEREM/CRIAREM FILHOS, VOCÊ:

1 concorda. Por quê? _____

2 discorda Por quê? _____

99 NS/NR

BLOCO II – SEXUALIDADE/SAÚDE

Agora vou fazer algumas perguntas sobre sexualidade e saúde.

11. Você já assumiu sua orientação sexual para: *[pode marcar mais de uma]*

- 1 familiares
- 2 amigos
- 3 colegas de trabalho
- 4 colegas de escola/faculdade
- 5 profissionais de saúde (médico, psicólogo, etc.)
- 6 outras pessoas. _____
- 7 ainda não me assumi
- 99 NS/NR

PARA HOMENS (INCLUI TRAVESTIS) |

12. NAS SUAS RELAÇÕES SEXUAIS VOCÊ USA PRESERVATIVO?

- 1 em todas
- 2 em quase todas
- 3 eventualmente
- 4 não usa _ *vá para a pergunta 16*
- 99 NS/NR

PARA MULHERES |

13. NAS SUAS RELAÇÕES SEXUAIS COM MULHERES VOCÊ USA ALGUM TIPO DE PROTEÇÃO/BARREIRA?

- 1 sim. Qual? _____
- 2 não
- 99 NR

14. NO CASO DE VOCÊ TER RELAÇÕES SEXUAIS COM HOMENS, VOCÊ USA ALGUM TIPO DE PROTEÇÃO/PRESERVATIVO?

- 1 sim
- 2 não _ *vá para a pergunta 16*
- 3 não tenho relação sexual com homens
- 99 NR

15. ONDE VOCÊ OBTÉM OS PRESERVATIVOS/PROTEÇÃO/BARREIRA, MAIS FREQUENTEMENTE?

[marcar apenas uma]

- 1 compra
- 2 posto de saúde
- 3 ONG Aids/grupos homossexuais
- 4 outro: _____
- 99 NR

BLOCO III – MOBILIZAÇÃO, DIREITOS E VIOLÊNCIA

As próximas perguntas serão sobre participação, direitos e discriminação.

16. VOCÊ PARTICIPA OU JÁ PARTICIPOU DE ALGUM MOVIMENTO SOCIAL COMO OS QUE VOU LER ABAIXO? **[pode marcar mais de uma]**

- 1 associação de moradores
- 2 sindicato(s)
- 3 partido político
- 4 grupo(s) religioso(s)
- 5 ONGs
- 6 movimento estudantil
- 7 movimento homossexual
- 8 outros: _____
- 9 nunca participou
- 99 NS/NR

17. EM RELAÇÃO À DEFESA DOS DIREITOS DE HOMOSSEXUAIS NO BRASIL, VOCÊ ACHA QUE O GOVERNO LULA TEM SIDO:

- 1 melhor que o anterior
- 2 pior que o anterior
- 3 igual ao anterior
- 4 não tem opinião formada

99 NR

18. VOCÊ CONHECE OU JÁ OUVIU FALAR DO PROJETO DE PARceria CIVIL DA MARTA SUPlicy?

- 1 sim, concordo. Por quê? _____
- 2 sim, discordo. Por quê? _____
- 3 sim, mas não conheço o suficiente para opinar
- 4 não conheço

99 NR

19. VOCÊ CONHECE ALGUMA OUTRA LEI QUE BENEFICIE OS(AS) HOMOSSEXUAIS?

- 1 sim. Qual? _____
- 2 não

99 NR

20. DEVIDO À SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL JÁ SOFREU ALGUMAS DAS DISCRIMINAÇÕES QUE VOU LER?

1 - não ter sido selecionado ou ter sido demitido do emprego

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

2 - ter recebido tratamento diferenciado ou ter sido impedido de entrar em comércio/locais de lazer

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

3 - ter sido mal atendido(a) em serviços de saúde ou por profissionais de saúde

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

4 - ter sido marginalizado(a) por professores ou colegas na escola/faculdade

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

5 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) de grupo de amigos ou vizinhos

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

6 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) em ambiente familiar

- 1 sim
- 2 não
- 99 NR/NL

7 - ter sido excluído(a) ou marginalizado(a) em ambiente religioso

1 sim 2 não 99 NR/NL

21. DEVIDO À SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUMA DAS AGRESSÕES QUE VOU LER?

1 - agressão física

1 sim 2 não 99 NR/NL

2 - agressão verbal/ameaça de agressão

1 sim 2 não 99 NR/NL

3 - boa noite Cinderela

1 sim 2 não 99 NR/NL

4 - violência sexual

1 sim 2 não 99 NR/NL

5 - chantagem ou extorsão

1 sim 2 não 99 NR/NL

Se assinalou somente uma, pule para 23.

Se respondeu tudo “não” pule para a pergunta 26.

22. QUAL FOI A MAIS GRAVE OU MAIS MARCANTE [no caso de mais de um tipo de agressão]: | |

23. ONDE OCORREU ESTA AGRESSÃO? [espere a resposta]

1 casa

2 trabalho

3 escola/faculdade

4 estabelecimento comercial

5 local público

6 outro: _____

99 NR/NL

I 24. QUEM FOI O AGRESSOR OU AGRESSORES? *[espere a resposta e pode marcar mais de uma opção]*

- 1 amigos(as)
- 2 parceiro(a)
- 3 familiares
- 4 colegas de escola/faculdade
- 5 colegas de trabalho
- 6 vizinho(a)
- 7 policial/segurança
- 8 professor
- 9 chefe
- 10 funcionário público
- 11 desconhecido(s)
- 12 profissionais de saúde
- 13 outro. _____
- 99 NR/NL

I 25. VOCÊ RELATOU ESTE FATO PARA: *[pode marcar mais de uma]*

- 1 polícia/delegacia/190
- 2 DDH (Disque Defesa Homossexual)
- 3 ONGs/grupos gays. Qual? _____
- 4 imprensa
- 5 amigos
- 6 familiares
- 7 Disque Denúncia
- 8 outros. _____
- 9 não relatou
- 99 NR/NL

BLOCO IV - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Para finalizar, vou fazer algumas perguntas sobre seu perfil sócio-econômico.

26. QUAL É A SUA IDADE? | | anos

27. QUAL É A SUA COR OU RAÇA? _____

28. QUAL A SUA COR OU RAÇA NA SEGUINTE CLASSIFICAÇÃO DO IBGE? **[atenção, leia as opções]**

1 branca

2 preta

3 parda

4 amarela

5 indígena

99 NS/NR

29. SE VOCÊ ESTÁ CASADO, NAMORANDO OU FICANDO, COMO VOCÊ CLASSIFICARIA A COR OU RAÇA DO SEU PARCEIRO(A)?

1 branca

2 preta

3 parda

4 amarela

5 indígena

6 está sozinho

99 NS/NR

30. EM QUE RELIGIÃO VOCÊ FOI CRIADO? **[pode marcar mais de uma]**

1 católica

2 evangélica. Qual? _____

3 espírita/kardecista

4 umbanda

5 candomblé

6 nenhuma

7 outra.Qual? _____

99 NS/NR

31. ATUALMENTE, QUAL A RELIGIÃO OU CULTO QUE VOCÊ FREQUÊNTA? *[pode marcar mais de uma]*

1 católica

2 evangélica. Qual? _____

3 espírita/kardecista

4 umbanda

5 candomblé

6 nenhuma

7 outra.Qual? _____

99 NS/NR

32. QUAL É O SEU NÍVEL DE INSTRUÇÃO?

1 sem instrução

2 ensino fundamental completo

3 ensino fundamental incompleto

4 ensino médio completo

5 ensino médio incompleto

6 ensino superior completo

7 ensino superior incompleto

8 mestrado/doutorado

99 NR

33. ATUALMENTE VOCÊ FREQUÊNTA ALGUMA ESCOLA DE PRIMEIRO, SEGUNDO GRAU OU UNIVERSIDADE?

1 sim

2 não

3 NR

I 34. EXERCE, ATUALMENTE, ALGUMA ATIVIDADE REMUNERADA OU RECEBE ALGUM TIPO DE BENEFÍCIO, PENSÃO, APOSENTADORIA, BOLSA DE ESTUDO, ETC?

1 sim. Qual/quais? _____

2 não

99 NS/NR

I 35. ONDE VOCÊ RESIDE?

Estado: _____

Cidade: _____

Bairro: _____

Agradecer a participação e anotar o sexo

I 36. SEXO [não pergunte, anote]

1 mulher

2 homem

ANEXO 2 EQUIPE DE PESQUISA

COORDENAÇÃO:

Marcio Caetano, GAI

Sérgio Carrara, CLAM/IMS/UERJ

Sílvia Ramos, CESeC/UCAM

ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO:

Sérgio Carrara, CLAM/IMS/UERJ

Sílvia Ramos, CESeC/UCAM

COORDENAÇÃO DE CAMPO:

Paula Lacerda, CLAM

ESTATÍSTICA:

Greice Maria Silva da Conceição

REVISÃO TÉCNICA:

Bianca Alfano, GAI

Márcio Alonso, GAI

Cláudio Nascimento, GAI

Marcio Caetano, GAI

REVISÃO:

Malu Resende

ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:

Greice Maria Silva da Conceição, CESeC-UCAM

Heliana Hemetério, GAI

Marcio Caetano, GAI

Paula Lacerda, CLAM

Sérgio Carrara, CLAM/IMS-UERJ

Sílvia Ramos, CESeC-UCAM

TREINAMENTO DOS VOLUNTÁRIOS:

Cláudio Nascimento, GAI

Greice Maria Silva da Conceição, CESeC-UCAM

Heliana Hemetério, GAI

Marcio Caetano, GAI

Paula Lacerda, CLAM

Sílvia Ramos, CESeC-UCAM

SUPERVISÃO DE CAMPO:

Camila Sampaio, CLAM

Charles Toniolo, GAI

Débora Baldelli, CLAM

Igor Torres, CLAM

Marilena Barbosa, UNIV. STA. LUZIA

Sílvia Aguião, CLAM

FOTOS:

Fabiene Gama

ENTREVISTADORES VOLUNTÁRIOS:

Adriana Pereira de Lima, Ciências Sociais-Uerj

Alexandra Costa de Araújo, Psicologia-Uerj

Alice de Castro Nunes, Ciências Sociais-Puc

Aline Duque de Macedo, Psicologia-Uerj

Aline Thuller de Aguiar, Serviço Social-Uerj

Ananda Pereira Ballarini, Serviço Social-Uff

Andréia Brigido dos Santos, Serviço Social-Univ. Santa Luzia

Andreia dos Santos Puppim, Serviço Social-Uff

Angélica de Faria Silva, Ciências Sociais-Uerj

Bárbara de J. Alves, Serviço Social-Univ. Santa Luzia

Beatriz Menezes Leonardo, Serviço Social-Univ. Santa Luzia

Bruna Dias Alves, Serviço Social-Uerj

Carlos Alexandre de Oliveira Antonio, Psicologia-Uerj
Carolina Fagundes Leão, Serviço Social-Uff
Crystiane França Silva Castro, Ciências Sociais-Uerj
Daniela Bastos de Faria, Ciências Sociais-Uerj
Danielle França Ramos, Serviço Social-Uff
Danielle Murtha da Costa, Serviço Social-Uff
Danielle Taha Costa, Serviço Social-Ufrj
Danielly dos Santos Fernandes Monteiro, Ciências Sociais-Puc
Denise Gelard Reis, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Elaine de Souza Nascimento, Psicologia-Uer
Elenice Torres Pereira, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Eliane de Souza Nascimento, Psicologia-Uerj
Elizabeth Cavalheiro de Azevedo, Ciências Sociais-Uerj
Gleyce Figueiredo de Lima, Serviço Social-Uff
Helenita de Andrade Rosa, Psicologia-Uerj
Jorge Ujá Carvalho da Silva Júnior, Letras-Ufrj
Josiane Cardoso Campos, Serviço Social-Uff
Juliana Val Porto Gomes, Serviço Social-Uerj
Kely Cristina de Souza, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Lúcia Maria Gaspar, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Luciana Cristina Teixeira da Silva, Serviço Social-Uff
Magna Soares Lopes, Serviço Social-Uff
Marlene Silva de Miranda Antonio, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Natasha Bianco Antony, Ciências Sociais-Puc
Patrícia Batista Lopes, Ciências Sociais-Puc
Patrícia Pinto Sena, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Paulo Victor Leite Lopes, Ciências Sociais-Uerj
Priscilla Cristine Viana Mendes, Serviço Social-Uff
Renata Alves Pereira Silva, Psicologia-Uerj
Roberta Freitas, Psicologia-Ibmr
Rosemary Santos Melo, Serviço Social-Univ. Santa Luzia
Sérgio Roberto Martins Ferreira, Economia-Uff
Silvia Santos da Silva, Serviço Social-Uerj
Simone Siciliano Serpa, Educação Física-Uerj
Solange Pinheiro, Serviço Social-Uerj
Téo Cordeiro, Serviço Social-Uff
Vanessa Figueiredo Dasinger, Psicologia-Uerj
Vanessa Souza e Silva, Serviço Social-Universidade Santa Luzia
Vanessa Superchi, Serviço Social-Uerj

Procurando conhecer melhor os participantes das Paradas do Orgulho GLBT brasileiras, pesquisadores, militantes e voluntários vinculados ao Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, ao Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC) da Universidade Cândido Mendes e ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) do Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro conduziram em 2004 pesquisa de perfil quantitativo na Parada do Rio de Janeiro (Copacabana), cujos resultados são aqui apresentados e discutidos.

A investigação desenvolvida em 2004 por esse conjunto de instituições dá continuidade ao trabalho iniciado em 2003 com os mesmos objetivos e métodos. Além de revelar aspectos pouco conhecidos do perfil sociopolítico dos participantes das paradas brasileiras e, por extensão, da população homossexual que se concentra nas grandes cidades do país, nosso principal interesse é constituir uma série histórica relativa aos padrões de violência e discriminação que atingem gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais).